**O PROTOCOLO**

R. GROFF

v 1.14

[1]   
Estados Unidos - Interior de Louisiana, 1928

O GAROTO TERMINOU SUAS TAREFAS rapidamente e com muita destreza. Não fora por falta de incentivo. Na zona rural onde ele morava, a educação seguia mais ou menos os ritos de criação dos animais – e ele não foi exceção do ciclo de recompensa e violência. Já tinha treze anos, com força nos braços e pernas de moço adquirido na lida no campo e calejadas pela mão pesada do pai. O fazendeiro, que ia a igreja todos os domingos e participava do “levanta e senta” comunitário, não abria mão de alguns goles escondidos de uísque barato para manter-se acordado durante o culto. A mãe do menino não se importava mais por este deslize, pois já tinha ido conhecer o criador em pessoa depois de um parto hemorrágico e de sua pressão nas alturas. Às vezes estas coisas acontecem, e era em parte por isso que estavam todos ali, suando naquele local, tentando crédito junto ao Pai. Quando o garoto já corria pela casa, o aprendizado veio com a varinha de pinheiro, rápida e certeira, aperfeiçoada nos campos duramente nos bois de carga. O silvo agudo e rápido corria veloz contra sua meninice. Fora assim com todos na família, seria o mesmo com ele. No início, o rapazinho até achava engraçado, mas depois com os filetes de sangue à mostra para todos verem a educação, as risadinhas viravam choros altos e contidos em meio aos rosnados do pai.

A irmã solteira da falecida compadeceu-se com a miséria do homem, e ajudou na limpeza e manutenção da casa até ver os roxos nas pernas do guri e depois ver a varinha contra si. Não houve despedida em seu ultimo dia, somente um armário limpo e gavetas vazias. O homem agradeceu, pois não queria ver mais aquela cópia gorda, velha, mal acabada e indecente de sua mulher o incomodando. Ela agia indiferente durante o dia, como se fosse normal lhe mostrar sua vergonha peluda pela porta escancarada à noite, ofertando os seios gordos e esperando que ele cumprisse aquele acordo não verbal, e preenche-se o vazio daquelas partes.

O garoto viu seu pai na varanda, com o boné enterrado na cara e a camisa de flanela arreganhada, subindo alto e descendo em sua barriga grande de umbigo feio. O ronco treinado assoviava rápido conhecendo seus caminhos de sempre pela casa. Ele limpou todos os pratos e panelas, levou o resto da comida para os porcos, cortou e salgou a carne para o charque. Usava os dedos para se lembrar de todas essas coisas. Não eram tantas tarefas assim, mas não podia esquecer. Observou a varinha ao lado da cadeira, suada e pronta para o corretivo na mão enorme do fazendeiro. Já fazia tempo que não levava uma surra, pois aprendera que era melhor ser cansado que ser arteiro andando esquisito puxando uma perna. Ouviu dos outros meninos da escola que se o pinheiro não resolve, a corrente conserta. Ele não tinha medo do que o pai tinha nas mãos. A dor da varinha passava que nem uma tempestade que precisa limpar o céu com muito barulho, no outro dia vai embora. O que lhe metia medo era o vazio dentro daqueles olhos durante o resto do dia. Aquele homem estava ali, mas não havia nada lá! Algo faltava, mas as palavras e mente do menino não conseguiam alcançar aquele vazio. Sentiu o nó formar mais uma vez na garganta ao pensar no cemitério: lá os olhos do pai estavam sempre cheios. Não conheceu sua mãe, apenas a falta dela e o silêncio que ela exercia na vida dos dois; silêncio este quebrado nos dias que ouvia o choro engasgado e arrastado de seu pai, tal como uma assombração terrível batendo e riscando devagarzinho suas garras pelas paredes, passando e voltando pelo seu quarto.

Fechou lentamente a porteira com o máximo de cuidado. Magrelo com os cabelos duros e arrepiados usava a mesma roupa a semana ou mesmo duas semanas inteiras – seu fedor era característico, e acostumara-se com o nariz torcido da professora. Achava que aquilo era benéfico, pois não era convidado muitas vezes para ir ao quadro. Seus colegas fediam junto, mas suas mães lhes davam lanches e de vez em quando uma maçã para a professora dar uma ajudinha na nota. Não era seu caso. Talvez existisse ali também um entendimento mútuo de que os alunos fingiam entender enquanto a mestra fingia ensinar. A maioria deles só precisava do básico mesmo e guardavam suas forças para a enxada. Em tempo de colheita as aulas eram suspensas, e não era estranho a maior parte dos alunos dormirem na aula com mãos e pés sujos e inchados da lida.

Em poucos passos, já estava fora das vistas do homem. Os dois tinham mais ou menos um acordo de que aquele horário (antes de tirar os bois do pasto) era cada um por si, o que o garoto antecipava com ansiedade – mas estava sempre muito cansado. Acordado desde as cinco, a tirada do leite, a caminhada de três quilômetros ao colégio, os quatro períodos de aula, a mesma caminhada de volta no sol, e o fazer do almoço junto com o lavar e secar de toda a louça pesava demais em seu corpo. Porém aquele era o seu tempo e ninguém lhe dizia o que fazer, e todos os seus hormônios pré-adolescentes respondiam em pura bravura desembestada. Foi dos passos à corrida rapidamente pulando as pedras do caminho entre a casa e o campo, chegando a uma estradinha de terra para o pântano, seu local secreto de brincadeiras.

O garoto ia tocando o mato alto selvagem com a ponta dos dedos enquanto seus pés descalços desciam só um pouquinho na lama quente e mole da margem do pântano numa sensação gostosa. As pequenas pedrinhas de vez em quando em seus pés não o incomodavam, já tinha se acostumado. Correu por um bom tempo, até as pernas reclamarem e ele chegar ao seu local favorito, pertinho da margem do lago e com uma visão bem aberta da água que refletia um céu azul com muitas nuvens. Tinha uma pequena sacola feita de camisa velha com dois soldados de chumbo, e os colocou lado a lado. Um deles estava sem braço, pois roubou de seu colega e usara muita força ao puxar o brinquedo da sacola. Suas mãos rápidas então pegaram o barro mole mais perto da margem e foram criando montanhas, fortes de exército e casinhas para os aldeões de sua imaginação junto com grama e junco por ali. Fazia indiozinhos de barro também, e as balas lhe arrebentavam as cabeças junto com um barulho de sua boca. *Pow, pow*. Estava muito velho para aquilo, e já sentia alguma coisa acontecendo quando via as irmãs de seus colegas na igreja – uma coisa quente nas bochechas e de lá onde ele não podia mexer (recebera várias lições do padre sobre isso). Ele continuava com os brinquedos mesmo assim, por que percebeu quanto mais velho ficava, mais tarefas ele recebia, não importando sua esperteza. Sem muito entusiasmo, o soldado sem braço ganhava mais uma batalha do soldado azul, que era malvado e roubava diligências com o dinheiro do pessoal da aldeia. No final, todos estavam felizes, havia uma pilha de mortos e era assim que ele gostava. Piscou seus olhos uma vez. Encostou-se de bruços por ali olhando o resultado de sua pequena guerra particular. Não era tão quente assim, pois estava no meio de agosto, e aquele solzinho das duas era bom sem incomodar muito. O som do lugar parecia repetir e repetir, ir e voltar, girar por suas ideias dizendo a ele para ficar por ali e, brincar, brincar...

*Dormir, dormir* seu corpo clamou com larga vantagem.

“Preciso voltar...” disse ele com pouca convicção.

Fechou seus olhos e a mão que segurava a cabeça foi deslizando. Ele girou lenta e precisamente o corpo ali na lama quentinha pelo sol até achar a posição, igual a um bebê agarrando seus joelhos sem se perceber. Quase imediatamente roncou e assoviou. O pântano abraçou-o e o envolveu como um filho voltando para a casa, hospedando-o em seu seio livre de tarefas. Uma borboleta pousou seu tornozelo, mas ele não sentia mais nada. Ele era parte da natureza e sua única tarefa era sonhar provavelmente suas últimas horas de criança.

Acordou abruptamente. O pântano estava em silêncio, mas havia um barulho estranho de água por perto. De olhos bem abertos e seu peito como um trovão ribombando, virou-se devagar, ainda completamente deitado no chão no meio daquelas folhagens altas da margem onde estava. O que viu não o fez gritar, embora naquele sol todo, sentiu um gelado nas costas de susto. Seu queixo caiu e ele ficou com a boca aberta, como a professora de música o tinha ensinado a cantar no coral. Na frente dele, um disco metálico largo e grande pairava no ar. Já tinha visto o trem para a capital algumas vezes, mas o que sua mente de criança registrou era de algo impossível, mas de qualquer maneira estava ali, em sua frente, desafiando tudo o que ele tinha visto até então. Mais alto que sua própria casa, longo como a sua escola. Em pouco tempo descobriu o barulho, pois peixes de todos os tamanhos subiam da água batendo seus rabos de forma enlouquecida, como se fossem puxados por um fio invisível. Peixes pequenos e grandes subiam e desapareciam dentro do disco. Era uma pescaria extremamente eficiente.

Então ele ouviu um barulho mais forte, e virou sua cabeça até lá: existia um jacaré lutando no ar, mordendo e girando violentamente enquanto, na frente do animal, uma criatura alta e imponente estava em pé observando-o com muito interesse. Seu rosto era cinza e tinha o crânio angulado com olhos grandes. O estranho balançava sua grande cabeça conforme o bicho se debatia lhe entretendo. O garoto engoliu em seco enquanto com mais um gesto de mão do gigante, o jacaré foi indo para dentro do disco, como num passe de mágica.

Quando o garoto foi se apoiar para trás tentando uma fuga, o soldado azul malvado quebrou-se em sua mão fazendo um barulho seco e distinto naquele silêncio. O gigante virou-se diretamente a ele, e em apenas um pulo longo, lento e elegante estava em sua frente. O menino, que nunca vira um gigante a não ser na sua imaginação durante a história de Davi, inclinou sua cabeça devagar até encontrar aqueles olhos. Uma mão maior que uma penca de bananas o ajudou a levantar-se. Era fria. O gigante sorria com um excesso de dentes pequenos e tinha olhos mais vivos do que o próprio menino. Obviamente não era gente como ele conhecia, mas também não era um monstro. Perto da boca do gigante havia um pequeno cilindro, que brilhava de vez em quando. Vestia uma espécie de roupa com símbolos estranhos. O garoto lembrou-se imediatamente da marinha. O gigante pareceu ler seus pensamentos e então sorriu tocando no símbolo de seu uniforme e abrindo os braços comunicando-se estupefato com toda a natureza. Sua sombra era enorme, e ele deveria ter no mínimo três metros.

O disco parecia um espelho côncavo e girava lentamente em um silêncio completo. O garoto apontou para o disco e então abruptamente a escuridão veio como um véu preto, rápida e certeira como a varinha de pinheiro de seu pai.

Acordou em sua casa, sujo, enlameado e enroscado no lençol da cama de seu pai.

Gritou assustado. O sol sumira e ele voltara ao frio da casa.

O menino então chorou como se fosse um bebê novamente, engasgando-se e oscilando entre gritos agudos de criança e instantes de silêncio de puro desespero sem voz, em olhos surpresos e esbugalhados. Segurou seu choro em pânico, com suas mãos à boca ao ouvir o tilintar da corrente junto com os passos apressados de seu pai subindo a escada, rosnando e bufando.

No último dia de sua inocência e antes de apanhar até perder os sentidos, notou que tinha agora um cordão de couro com uma pedra azul em seu pescoço.

[2]  
Chicago, 1955

Sentados à frente do enorme tanque, os garotos observavam com atenção o movimento dos peixes. John e Benjamim McKinney, de doze e dez anos, naquele ano foram visitar o *Aquarium* da cidade já pela quinta vez curtindo particularmente o coral de recifes. Gostavam de dar nomes aos peixes grandões como *Bob-feio* ou *Chukie-dentinho*.

Ben tinha um pequeno corte em sua testa, e em baixo de sua camisa um hematoma roxo do tamanho de uma maçã, resultado de uma briga que tivera com *Roger-come-bosta.* O tal garoto não passava de um gordo brigão da turma 701 que no passeio da escola teve a infelicidade de escorregar e cair de cara num monte (ainda mole) de esterco. John não lembrava mais o que tinha dado origem à briga, mas sabia que caras como Roger precisavam de meninos como ele para manter sua fama de encrenqueiro.

John apontou para um peixe azul e laranja que dançava em frente a ele, enquanto Ben desenhava no vidro o círculo da boca do peixe que abria e fechava. Ele mantinha sua outra mão no bolso, e um dos seus tênis estava com os cadarços soltos. Os cabelos, que antes teriam resistido bravamente ao pente, agora estavam bem apertados com gel, no melhor estilo *a vaca lambeu* que John sempre lembrava, e fazia Benjamim contorcer-se de tanto rir imaginando a língua enorme da vaca e a baba em sua cabeça.

“Como está sua barriga, dói ainda?”

Benjamim cerrou um pouco seus olhos.

“Eu tô com muita raiva, muita mesmo.”

John falou com um sorriso nos lábios.

“Puxe a calça dele na frente da turma. Humilhar é muito mais eficiente que dar socos na cara.”

Os dois ficaram quietos e por um tempo apenas observavam o espetáculo natural em sua frente, em que os reflexos das luzes riscavam pequenas linhas dançantes de luz em seus corpos de criança no escuro. Ben apoiou sua cabeça na outra mão, e falou um tanto cansado, com a boca meio torta e com seu jeito peculiar de menino tonto.

“Baixar as calças não é mesma coisa; além de ser *péssimo* pra minha carreira.”

“Se você lutar, adicione um nariz quebrado na sua lista. Aquele retardado já repetiu o ano e come todas as manhãs como se fosse o último dia de sua vida de comedor de bosta. Provavelmente têm uns dez quilos a mais que você.”

Os dois se entreolharam automaticamente mudando da raiva para um principio de risada quando Ben apontou o dedo para seu irmão.

“Dez quilos de *bosta*?”

Em meio às risadas infantis, Jonh puxou o braço dele para trás dando-lhe uns cascudos só para farrear, amistoso. Dentro em pouco eles já estavam caminhando pela galeria de tanques. O banheiro externo ficava logo ali e John disse que já voltava. Ben esperou na área externa, já ao ar livre, onde havia uma fonte de água em forma de golfinho.

Ficou por ali sentado olhando o movimento.

Ben começou a se inquietar depois de tomar dois sorvetes, (bem devagarzinho) e nada de seu irmão voltar. Sua paciência de criança tinha atingido o limite e algo como um nó em sua garganta já incomodava há uma eternidade. Por fim, o garoto levantou-se e foi correndo até a entrada do banheiro. A construção era extremamente rústica, de tijolos à vista e não tinha nem ao menos telhado, só uma cobertura como se tivesse sido feita de improviso ou em reforma, pois as telhas estavam largadas na lateral, e no outro lado e em frente à calha onde os adultos urinavam haviam seis portas onde se podia ter um pouco mais de privacidade.

“Johnny, você *tá* demorando demais.”sussurrou o menino.

Ben dirigiu-se à primeira porta, estranhando o fato de não ter ouvido ainda nenhuma reclamação ou xingamento em resposta. O cheiro de urina era muito forte fazendo o menino torcer o nariz, e o desconforto aumentou quando abriu a primeira porta e surpreendeu-se por que não havia ninguém lá.

“Já chega cara. Muito sem graça.”

Benjamim tinha ficado todo o tempo sentado na frente do banheiro e não desviara seu olhar nem uma única vez. Aquilo era uma agonia para sua mente. Detestava quando os outros lhe faziam de bobo, mas aquilo já tinha passado demais da conta. Ben foi abrindo as próximas portas, duas, rapidamente e encontrava nada além de privadas vazias. Ao chegar à última, falou em um murmúrio tentando conter sua aflição.

“Vou baixar a sua calça, mano.”

Um choro desesperado e instantâneo veio quando ao abrir a última porta não viu nada além de um vaso quebrado e restos de porcelana no chão imundo.

Ben correu dali e parou na frente da fonte com seus cabelos eriçados. Sentia uma dor imensa na barriga, subindo e descendo. O suor escorria cravando-lhe toda a testa e pescoço.

Uma hora inteira agoniosamente se passou. Ainda sentado na fonte, Ben olhava furiosamente para a entrada do banheiro, quase em um transe hipnótico. De uma maneira obsessiva, falava rapidamente, baixinho, em uma voz rouca que quase não parecia mais ser de uma criança.

“Ele vai sair dali. Agora. Nesse momento... Ele vai sair. Por favor, sai daí cara.”

O céu tinha ficado nublado na última meia hora e agora algumas gotas frias caíam marcando o chão de concreto. O menino continuava sua prece cada vez mais rápido. Um grande trovão estremeceu o local e, por fim, a chuva veio forte causando-lhe calafrios e empapando-lhe as roupas com suas gotas frias.

Não tardou para que ele, apertando os olhos, observasse que naquele banheiro a água da chuva não caía, o que era estranho, uma vez que perto de si grandes poças de água acumulavam-se. Com olhar atônito, esbugalhado, levantou-se deixando seus braços caírem ao longo do corpo, lentamente. Neste momento, John saía do banheiro como um fantasma. De cabelo molhado e mancando bastante de sua perna direita, o menino lentamente se desloca em direção à Ben, que nem respira tamanha é sua comoção. Como se uma proteção invisível fosse tirada, o banheiro passou a receber imediatamente a água torrencial da chuva sobre si. Tão inimaginável era a cena, que, mesmo vendo seu irmão, somente a brusca queda de água, estrondosa e barulhenta, fez com que Ben acreditasse em seus olhos.

“Johnny!”

Ben correu até ele e quando o envolveu em seus braços, passou a servir de apoio. A montanha de perguntas de Ben esvaneceu-se diante dos olhos cansados de seu irmão, que exibia olheiras muito evidentes.

Os dois foram caminhando sofregamente de volta para o corredor seco do aquário. Adultos ao redor perguntavam-se onde estaria a mãe daqueles dois meninos. Não demorou muito para saírem dali, queriam mesmo sumir.

Esgueirando-se para ir embora, passaram por um segurança do lugar, que notou com alguma desconfiança uma pequena ferida vermelha na nuca de John, do tamanho de uma picada inflamada de vespa.

[3]  
Filadélfia, 1966

O chefe de segurança Christopher Miller do grupo industrial e têxtil *Morris & Hilbert* recebeu um novo e particular contrato: realizar a segurança pessoal de todos os acionistas, incluindo todas as famílias da elite do Mississipi. Seria o seu último, pois tecnicamente já era aposentado (subtenente condecorado pela vitória em *Guadalcanal*), mas sofrera um divórcio complicado e caro, o que comprometera severamente sua situação bancária. Vestindo um terno apertado em sua barriga (que já começava a encher suas duas mãos), Miller estacionou seu Mercedes no estacionamento interno da casa de Karl Haggins, que naquele sábado provavelmente tomaria mais que as duas taças de vinho usuais de um dia de semana.

Na frente da casa, cumprimentou Jack Sanders, escolhido a dedo por ele no qual depositava sua maior confiança. Um belíssimo *Bentley* cinza aguardava em frente à esplendorosa entrada com um anjo de pedra em um pedestal, onde água caía de sua jarra. Com um aceno rápido de cabeça para Jack, ele entrou pela grande porta um pouco apressado.

“Chris. Venha até aqui, por favor.” disse Haggins já com o rosto vermelho e gesticulando muito recebendo o amigo.

Robert, o adolescente herdeiro direto de Karl, estava sentado ao lado direito da mesa sorrindo um tanto encabulado, e sua mãe Catherine, quase aos quarenta com muita desenvoltura começava a ruborizar-se ao lado de seu marido. Tirou o cabelo do rosto enquanto seu marido colocava um braço desajeitado em seu ombro.

“Atenção, eu gostaria de comunicar a todos que estamos esperando um irmãozinho para Robert.”

Após uma surpresa geral, Karl puxou-a para si e deu-lhe um beijo. Todos bateram palmas. Karl e sua esposa casaram quando ambos tinham menos de vinte anos, tiveram um bebê logo em seguida e, ainda que as tentativas continuassem – uma família grandiosa era um dos maiores sonhos do casal – nunca mais conseguiram sequer que Catherine engravidasse. Todos os que trabalharam com eles, sabiam que os dois nunca reclamaram disso um só dia. Karl Haggins era notadamente uma pessoa eficaz para passar por desafios. Recebera a fábrica de seu pai quase falida e dividida entre ele e seus outros quatros irmãos, que agora comiam e viviam a suas custas, em sua casa. Miller recebeu a novidade com um sorriso um pouco amarelo e distante. Respirou um pouco e ouviu no fundo da cabeça, como um disco velho, arranhado e sujo, seu pai gritando enquanto ele saia da fazenda em Louisiana só com a roupa nas costas

*(Você acha que é melhor que nós, seu merda?)*

e mais nada além de troco em sua carteira. Tinha apenas dezenove anos, tal como Robert em sua frente. Com um toque no ombro feito por Jack e uma afirmativa de cabeça, Chris começou a bater palmas com discrição, olhando para o anfitrião.

Robert, de cabelos cumpridos até os ombros, levantou sua taça até a de seu pai e falou muito divertidamente, brindando logo em seguida.

“Parabéns pai, mas não pense que vou dividir meu quarto.”

\*\*\*

Chris abriu a porta para o garoto entrar. Robert, fardado para sua partida de tênis, entrou no banco de trás naquela tarde quente. Sanders dirigia na frente o carro, enquanto os pais iam com outros seguranças no carro cinza à frente.

No *walkie-talkie*, uma outra voz falou.

“Podemos ir?”

“Sim.”

Logo depois de saírem pelos portões da propriedade, Robert inclinou-se para o lado e perguntou diretamente a Chris.

“Você já jogou tênis?”

Antes de a boca de Miller emitir qualquer som de resposta, Sanders falou em gracejos.

“Se não termina em olho roxo, acho que Chris não aprecia, Sr. Haggins.”

Miller balançou sua cabeça colocando sua mão na testa, não acreditando que Sanders teria dito aquilo. O garoto riu um tanto desajeitado balançando seu corpo magricelo. *Ri como o pai*, pensou Chris com um meio sorriso cansado.

O menino olhou para eles e falou com muito entusiasmo.

“É um bom esporte, mas pouca gente consegue jogar. Eu acho que é por que na maioria das partidas quem ganha é quem erra menos, não quem jogou melhor. Quem gosta de jogar sempre deve estar muito seguro sobre o que pode fazer.”

Para os dois homens no carro, o silêncio a seguir preenchido apenas pelo silencioso e zombado levantar de sobrancelhas de Jack olhando Chris pelo retrovisor, comprovava que em uma única sentença o garoto falara algo que os dois nunca perceberiam em sua vida de carros, socos e pontapés.

Miller olhou para aquele garoto esperto mostrando seus dentes em um sorriso franco. Ele mesmo não era muito de sorrir, mas Robert tinha aquele ar matreiro e meio engraçado que deixava todo mundo à vontade. Refletindo um pouco sobre o que ouvira do rapaz, Miller acabou, com alguma convicção, perguntando de volta ao garoto.

“Você quer dizer que, para acertar as coisas, é preciso conviver em paz com seus erros?”

Robert acenou que sim com a cabeça. Chris fora criado na fazenda, mas passou pela provação daqueles que têm de começar do zero, com nada além da roupa no corpo.

“É isso ai. Isso é o tênis. E também é acertar uma boa paralela esquerda.”

*Bom garoto*, registrou Chris em uma nota mental.

Quanto aos outros rapazes com quem já trabalhara, na maioria das vezes, seu primeiro pé na vida adulta vinha junto com um belo chute nos bagos dos pais. Drogas, pequenos furtos, grandes bobagens. Já vira de tudo, até casos de violência sexual contra camareiras, filhas de empregados, governantes e outras empregadas das ricas famílias da elite. Quando tinha que fazer valer seu trabalho com a imposição da força, Chris tinha vontade de ir pouco mais além, e mostrar a alguns daqueles meninos enjoados e mimados que nunca saberiam o que é uma verdadeira dificuldade, como é que as coisas realmente funcionavam nas ruas. Antes de ir para a marinha participou de lutas onde entrava-se num ringue e tudo só terminava quando alguém caía desacordado. Por reflexo, fechou a mão, com certa tensão, enquanto seus olhos fitavam inertes as casas nobres do quarteirão que passavam rapidamente pela janela.

Sanders falou novamente pelo rádio, para avisar ao carro da frente no comboio de segurança que esperasse, reduzindo a velocidade para não avançar o sinal.

Robert notou a raiva contida de Miller.

“Tem alguma coisa te incomodando?”

Miller tentou esboçar um sorriso de volta, mas o que conseguiu foi só um franzir de seu cenho e um pedido de desculpas por ter se distraído.

Chris suava um pouco abaixo do sol das três da tarde enquanto Robert praticava com seu treinador na quadra logo abaixo. Vários lances de escada os separavam de onde algumas pessoas sentavam, assistindo o garoto lançar uma boa bola de esquerda. Catherine, que estava junto com Karl no elevado do restaurante do clube, tinha uma visão perfeita da quadra e abanou para Robert que lhe respondeu o aceno.

“O garoto tem bons movimentos. Confiante também.”

Miller mantinha-se pronto como uma mola para o caso de alguma coisa dar errado. No estacionamento, o carro era mantido em local privilegiado e estratégico, no caso de alguma saída de emergência tornar-se necessária. Jack mantinha os botões do meio do terno abertos exibindo o coldre.

Jose Ramirez abre a porta de seu armário, e lá vê um envelope pardo que não havia antes pela manhã. Depois de três meses trabalhando, finalmente havia uma mensagem o esperando. Uma vertigem lhe passou pela espinha, mas ele não tremeu ao ver uma foto de família com um círculo em torno de seu alvo. No fundo do pacote, um revólver igual ao que usara outra vez. No verso da foto havia uma mensagem:

*Olhe bem para a foto e queime-a no lixo junto com este envelope. Esta será sua única chance. Faça seu trabalho direito e então cumpriremos a nossa parte do acordo.*

Ao fechar o armário, o garçom colocou a arma por baixo da camisa e avental e foi indo em direção ao lixo lá fora, onde montes de grama cortada esperavam para ser incinerados. Jose juntou a grama em um grande bolo e jogou tudo no incinerador. Tirou o envelope do bolso de trás da sua calça e abriu a válvula de gás para que a chama acendesse com mais força, queimando rapidamente a parte de baixo da grama. Conforme tudo virava um vermelho em chamas, Jose Ramirez sentia uma forte dor de barriga junto com uma sensação de estar flutuando para todos os lugares errados em sua cabeça.

O treino de Robert havia terminado, e ele limpou seu rosto suado na toalha branca. O treinador lhe devolveu um aceno enquanto outros meninos vestindo um uniforme azul começavam a preparar a quadra para a próxima partida, o grande evento da tarde. No microfone, o árbitro anunciava que o jogo deverá começar em menos de cinco minutos. As pessoas começam a se aproximar e a tomar seus lugares nos arredores. Enquanto Robert recuperava seu fôlego, Miller falou em um tom divertido, abaixando um pouco sua cabeça.

“Achei que você ia jogar.”

“Não. Comecei a aprender faz pouco tempo.”

“Então, talvez na minha folga eu possa acabar com seu traseiro magrelo.”

O garoto falou em um desafio debochado levantando os ombros e lhe entregando sua mochila de Tênis.

“Você pode tentar, mas começa me dando uma mão com estas coisas aqui, por favor.”

Robert então subiu o último lance de escada em dois pulos beijando sua mãe no rosto que já o esperava ansiosamente na mesa do restaurante. O garoto se sentou e pediu uma jarra de água junto com a taça de vinho que seu pai pedia ao garçom.

Chris cumprimentou baixinho Jack que estava ali ao lado, pois ele estava vermelho como um bom polonês.

“Esqueceu a loção em casa, *moça*?”

Sanders respondeu com um olhar frio enquanto limpava o suor de sua testa com um lenço.

No bar, Ramirez observava o garçom que voltava da mesa de Karl e quando ele debruça-se sobre o bar, pergunta então com muita segurança.

“Posso atender esta mesa?”

Com um olhar distante, ele esperou a jarra encher-se.

O jogo começou e todos estavam agora virados para a partida, exceto os dois seguranças, que mantinham os olhos nas mãos de cada um que chegasse perto da mesa. Karl perguntava alguma coisa a Robert sobre as regras do Tênis enquanto sua mãe abanava-se.

Ramirez já tinha na bandeja o vinho e a jarra de água, e vinha por seu trajeto sinuoso pelas mesas onde todos os pescoços estavam virados para a quadra. O tenista da casa abria o jogo marcando um ponto na lateral direita, levantando muitas palmas entusiasmadas de todos. O garçom levantou a bandeja junto para não esbarrar nos meninos que passaram correndo por ele enquanto as pessoas voltavam a sentar-se em seus lugares. A poucos metros dali, Karl levantava e acenava seu braço em direção ao garçom, ansioso por sua taça de vinho. Jose sentiu sua respiração aumentar junto com o barulho da bolinha batendo no chão no silêncio que existia enquanto as pessoas aguardavam o desfecho da jogada.

Karl recebeu sua taça de vinho sem mesmo olhar para o garçom, e quando Ramirez foi tirar a jarra de água da bandeja, derrubou de propósito uma boa quantidade de seu conteúdo na mesa, emborcando um pouco na mesa, colo e peito dele.

Ramirez começou a falar rápido demais.

“Oh meu Deus, como sou atrapalhado. Me desculpe senhor, deixe que eu limpe aqui sua mesa e... puxa que confusão, eu...”

Karl fez uma negativa com a mão, decepcionado.

“Olhe o que está fazendo. Preste atenção, moço!”

Sanders acompanhava a pequena confusão a dois passos de distância enquanto Miller observava os arredores junto ao garoto. Ramirez tirou um pano detrás de seu avental e começou a limpar a mesa, continuando com suas lamurias.

“Por favor, este é o único emprego que tenho...”

Karl observa a tudo com impaciência enquanto Robert se servia com o resto da jarra. Ramirez sentia seu batimento cardíaco mover seu peito para cima e para baixo enquanto sua mão gelava conforme o pano encharcava com a água fria. O garçom olhou ansiosamente para o garoto duas vezes. Chris percebeu o olhar com toda a sua intuição de veterano. Aqueles olhos eram um tanto alucinados. Os mesmos olhos que ele vira na guerra do pacífico, de japoneses loucos pulando trincheira e prontos para matá-lo. Miller levantou-se da cadeira com um pulo. Mais um ponto no jogo, mas desta vez ouviu-se um lamento geral na torcida. O árbitro apontou para o outro lado e o tenista da casa recebia uma nova bola preparando-se para sacar novamente. De forma sincronizada, o garçom se ajoelhou e deixou sua toalha cair no chão.

Sanders dá um passo à frente já impaciente. Ramirez levanta-se, mostrando seu revólver. Miller segura e puxa forte o ombro de Robert para ele se levantar. O segurança segurou o avental de Ramirez pelo peito, um tanto incrédulo no que via. Jose então efetua um disparo atingindo-o no braço esquerdo, que o faz cair imediatamente ao chão, levando consigo um pedaço rasgado do avental. Algumas pessoas começam a gritar. O garçom em grande violência já tem Karl rendido em sua frente com uma arma na cabeça, enquanto Miller aponta a arma para os dois, ao lado de Robert, que já estava de pé. Chris tenta obter sucesso em mirar no agressor, mas o pai do garoto cobre toda a frente.

Robert olha com terror a arma na cabeça de seu pai.

“Por favor senhor...” diz o menino.

Miller vociferou naquele silêncio mortal.

“Largue o Sr. Haggins. Agora mesmo.”

Enquanto Sanders começa a gemer de dor e tenta buscar sua arma, Ramirez começa então a falar como um maluco e a bater com a arma no ouvido de Karl, que fica paralisado em um olhar distante e vazio para sua mulher que quase não respira com suas mãos protegendo o ventre.

*“Eu não tenho dinheiro para viver. Tudo isso é culpa de vocês, desgraçados que não sabe dar valor nenhum a quem faz seu trabalho sujo. Minha filha passa mal enquanto vocês enchem a cara.”*

Ramirez enquanto fala olha mais uma vez para o menino, e para a mesa. Miller percebe que ele está preparando algo, mas não acredita no que seus olhos vêem. Tal como Chris previra, a arma sai da cabeça de Karl e pende no espaço entre o garçom e Robert. Usando todos seus instintos, rapidamente Miller se atira para frente, ficando firmemente entre o garoto e a arma. O primeiro disparo lhe acerta em cheio na barriga e um outro no ombro que eram destinados ao garoto.

Miller resvala ao chão, se embolando com a mesa.

Sanders consegue se apoiar com o outro braço no chão e puxa Karl para o seu lado pela calça. Ramirez não acredita que errou o alvo, enquanto a arma aponta para todos os lados, fazendo uma multidão gritar e se abaixar apavorada. Jack com um tiro explode três dedos da mão de Ramirez, soltando a arma.

Em uma série de gritos agudos, o garçom aperta com sua outra mão o toco vermelho que verte em sangue. Dentro de seu peito, uma falha congênita em seu coração que lhe o arrebataria quinze anos no futuro se pronuncia fulminantemente. O garçom balbucia alguma coisa enquanto seu coração tropeça e para. Seu corpo vai perdendo o equilíbrio deslizando ao chão.

Naquele mesmo instante, Chris observa Robert do chão enquanto ele abraça sua mãe ao lado com força. Sua barriga treme. Escapara de oito anos na guerra sem um único ferimento de bala, e ele quase não acredita na intensidade da dor que sente. O sangue começa a pronunciar-se vermelho em sua camisa. O garoto solta-se de sua mãe e se agacha no chão procurando a mão de Chris. Robert consegue dizer uma única frase direto nos olhos de Miller, que já ia perdendo sua consciência.

*“Muito obrigado... Sr. Miller.”*

E as luzes se apagam.

\*\*\*

Dois meses depois, com uma faixa no ombro e um grande curativo perto de suas costelas, Miller caminhava pelo pátio onde encontraria dentro em pouco o Sr. Haggins, que o esperava pelo estacionamento.

“Bom dia, espero que não esteja estragando sua recuperação?”

Miller tira seu chapéu com o braço bom e os dois se cumprimentam.

“Os médicos me dizem que estou ainda sob observação.”

“É, nós tivemos sorte. E tivemos você na hora certa.”

O menino aparece na janela e acena satisfeito em vê-lo. O homem olha seu filho e fala um pouco mais próximo de Chris, coçando uma barba que já espera muitos dias para ser feita.

“Vocês têm um bocado de conversa para botar em dia, mas antes disso gostaria de ter uma palavra com você, Sr. Miller.”

Chris colocou o chapéu de volta em sua cabeça. Karl o pediu para acompanhá-lo enquanto passavam da entrada para a garagem dos carros.

“Minha mulher e eu pensamos em uma maneira de recompensá-lo por tudo o que você fez, Chris.”

Lado a lado haviam muitos carros, e todos estavam muito bem cuidados pelo caseiro, alinhados como numa exposição. Haviam também carros de dez, quinze anos atrás que pareciam recém chegados da fábrica. Os pneus pretos como se nunca tivessem conhecido uma rua ou estrada.

“Gostaríamos que você escolhesse qualquer um destes carros para ser seu. Qualquer um.”

Miller deu uma risada nervosa.

“Como se fosse meu... aniversário?” disse Miller.

Karl coçou seu cotovelo em um grande sorriso.

“É isso aí. Hoje é o seu dia.”

Chris caminhou devagar, mas já tinha escolhido o carro vermelho desde que entrara naquela casa: um *Bel Air* 54, versão luxo, um mimo para qualquer colecionador. Ele abriu a porta e se sentou junto com Karl no carro que já estava com a capota aberta para aquele dia esplêndido de céu azul de sol. Chris passou a mão pela direção e viu o painel bem cuidado. O cheiro de couro limpo e manutenção constante lhe fizeram dar uma outra risada.

“Sabe, eu ia dar exatamente este carro para o guri...”

Miller o olhou de banda ainda passando os dedos no painel. Karl coçou mais uma vez sua barba e quando Miller se virou para prestar mais atenção, ele começou a falar.

“Robert nunca foi muito de dirigir, sabe? Quando estamos viajando de férias, eu atropelei um destes animais de estrada, não era um cachorro ou nenhum destes...”

“Guaxinins?”

“Não.. Era grande. Um filhote de gamo. Foi terrível. Ele viu eu tirar o bicho das grades de baixo. Um sangue que não acabava mais. Já fazem cinco anos, mas depois disso ele nunca me pediu carros ou motos com qualquer adolescente faria. Ele nem tem carteira, imagina?”

Miller olhou Karl que parecia meio perdido. Depois do evento, outros quatro seguranças foram colocados na equipe, e pelo aspecto em seu rosto algo dentro de si estava estragado, talvez quebrado.

*Ver a morte de perto muda as coisas*.

Karl voltava a um sorriso amarelo esforçado.

“Puxa, que porcaria para se dizer em um aniversário.”

Os dois deram uma risada franca e Miller falou agradecido em seguida, apertando mais uma vez a mão do homem.

“Muito obrigado, senhor. Muito obrigado.”

Haggins olhou para a entrada de sua casa e viu sua mulher já com uma barriga significativa. Uma nuvem transeunte apareceu no céu e diminui o calor nos assentos de couro que eles estavam sentados. Por fim, Karl falou em tom mais sério:

“Espero que não tenha que lhe dar mais presentes fora de sua data.”

“Claro. Estaremos preparados para o que vier.”

“Assim espero.”

Karl abriu a porta e encontrou os olhos de Miller. Aquela parte estragada em sua cabeça tornou-se evidente em uma voz diferente carregada de rancor.

*“*Mas que merda de mundo fodido.*”*

Seis meses se passaram. As feridas cicatrizaram, e tudo voltara a um nível de quase normalidade. A irmã de Robert, Sofia, nasceu com um pouco mais de três quilos, e dois olhos azuis curiosos.

No fim, cada um sabe como lamber suas feridas.

O seu vermelho 54 já tinha conhecido muitas estradas. O couro continuava cuidado pelo menos, e mesmo nas bebedeiras Chris não deixava nada cair em cima.

\*\*\*

Era uma quarta-feira de tempestade.

Por volta das dez e meia da noite, e justamente em seu dia de jogar sinuca, Chris recebeu um chamado urgente ao telefone. O dono, que atendera, deixou o fone com bocal no descanso ao lado do aparelho, esperando para ser atendido. Miller terminou sua tacada e caminhou lentamente até o balcão, colocando seu ouvido no telefone.

“Espero que seja importante.”

Era Jack Sanders do outro lado. Voz rouca dizendo que não tinha boas notícias. Miller passou sua mão no rosto e apertou seus olhos em busca de um pouco mais de lucidez. Não gostara do tom do amigo no telefone. O rapaz que estava jogando com ele lhe acenou. Chris se virou para o outro lado o ignorando.

“O que houve?”

“Chris, estamos todos aqui na casa de Hilbert.”

Miller notou que a Sanders colocou a mão no fone, para que somente os dois ouvissem o que ele iria dizer.

“Tragédia. Venha para cá, rápido. E tente ficar sóbrio no caminho, seu bêbado de merda.”

Miller desligou o telefone. Foi aos tropeços para o banheiro e lavou seu rosto duro de cerveja na água fria. A tempestade rugia lá fora. A voz rouca do outro ainda estava em sua mente. *Tragédia*. Com uma careta tomou água da torneira e cuspiu com força enquanto olhava-se no espelho. Conforme o vento da tempestade batia as pequenas janelas, ele apertava a pequena pedra azul em seu peito com força. Usava-a junto com as insígnias do exército. Sobrevivera à loucura naquelas ilhas do pacífico, caminhara por pilhas de corpos aliados e inimigos ileso. Vira a morte de perto e lutara corpo a corpo em uma noite sobre a luz das estrelas e os reflexos das facas. Cortara a garganta do outro que estava no seu caminho. Observou a vida esvair dele sentado ao lado, como num show de horrores privado. Estava sozinho naquele dia, e se morresse ali ninguém desconfiaria. Ele mesmo cavou o buraco onde colocou o corpo do outro. Não teve oração, nem nada, somente a tristeza ocupava todos os espaços na mente de Miller. A guerra podia ter terminado nos jornais, mas não dentro de si. Antes de embarcar deixara esposa e filha de um ano no porto esperando. Oito anos depois, voltara para a América e uma casa vazia. Ele fizera duras escolhas, e pagara o preço. Através de advogado, conseguiu o direito de ver sua filha de vez em quando. Sua ex, conhecendo seu temperamento explosivo (já a agredira mais de uma vez), proibira-o com uma ordem de restrição de aproximar-se a menos de cem metros de onde eles moravam agora.

*Talvez tenha sido melhor assim.*

Ele sentia aquela violência ainda dentro de si. Conhecera pelo seu pai, depois pela rua. O governo lhe acolheu e o enviara para matar estranhos do outro lado do mundo, o que ele fizera com excelência e propriedade. Olhou-se no espelho. Velho, um pouco careca. Uma tragédia o esperava.

Miller já estivera ali outras vezes. Naquela mesma mesa de jantar já vira Kevin, o garoto de Hess Hilbert, com três carreiras de pó. Batera só uma vez na mão do garoto, quebrando o dedo mindinho como um graveto para que ele se lembre de que aquilo não era bom para ele. Depois de dez minutos de sermão em que o moleque chorava, chutava e xingava, Miller chamou uma ambulância, avisando-o que na próxima vez não seria mais gentil com ele. Hess naquela época agradeceu a Chris, e a portas fechadas terminou o que Miller começara, menos a gentileza.

Ainda sob os rugidos da tempestade, havia uma aglomeração de casacos pretos que iam e vinham, engravatados e meio desnorteados. Junto com os raios e trovões da tempestade, Miller sentiu uma leve arritmia, como se seu coração tropeçasse entre as batidas. O álcool escoava por sua pele, num suor nervoso e frio. Todos aqueles pais preocupados sentaram-se à mesa, encarando-o com certa apreensão, embora nenhum deles conseguisse começar a falar.

Foi Jack Sanders quem rompeu o silêncio entre as trovoadas, com a voz rouca e triste. Tinha seus cabelos grisalhos totalmente molhados, caídos sobre a testa franzida e preocupada. O fato acontecera a poucas horas, e sua camisa tinha um pouco de sangue. Sua voz soava grave, alguns tons abaixo do normal.

“Perdemos Robert em um trágico acidente agora a pouco.”

Chris sentiu-se pesado e algo apertou sua garganta. Deu um passo para trás instintivamente. Tentou emitir algum som, mas tudo o que fez foi colocar uma das mãos sobre sua boca. Um outro senhor magro com um chapéu em uma das mãos e que estava ao lado de Karl emocionou-se, e levou sua mão ao ombro do amigo. Haggins mordia os dedos de sua mão direita quase ao sangramento, numa tentativa vã de segurar-se emocionalmente e tentar suplantar a dor da perda de um filho por uma dor física ainda maior; mas estava arrasado e as lágrimas escorriam como um veio leitoso de rio.

Sanders completou o cenário.

“Acidente de carro. Alta velocidade direto no muro. Estava sozinho.”

Um calafrio passou pelo corpo de Miller. A resposta veio automática, e sua incredulidade no fato parecia querer ludibriá-lo a acreditar que, se pudesse dizer que aquilo não era possível, mudaria alguma coisa do que já tinha acontecido.

“Mas Robert não sabia dirigir!”

Sanders tragou um cigarro quase até a ponta sendo observado de perto por Miller com seus olhos verdes esbugalhados e incrédulos.

“Robert nocauteou Douglas, quase o dobro de seu peso, em três socos antes de pegar a chave. Dougie disse que sua mão parecia fogo e que ele quase não reconheceu seu rosto. Parecia o demônio. Ele fez o *Bentley* pegar, atravessou o portão e dirigiu por dez minutos sendo seguido por Doug e eu, pedindo para ele encostar. Isso foi até ele decidir não fazer uma curva. Atropelou um cara desavisado, que morreu ali mesmo, e...”

Todos olharam para Chris que cambaleava trocando uma perna e segurando seus poucos cabelos com as mãos.

“Por que *diabos* ele faria isso?”

As pessoas abriram um pouco mais de espaço para Chris, que cambaleava, tanto pelo nervoso, quer pelo efeito da bebida. Jack o segurou com força, mantendo-o pelo braço. Hess Hilbert, amigo de infância de Haggins, de quase dois metros de altura com mais de cento e quarenta quilos, aproximou-se colocando um dedo muito próximo do rosto de Chris.

“Não estamos seguros, Sr. Miller. Você nos falhou espetacularmente. Bêbado e ultrapassado.”

Miller já não ouvia mais nada. Já não via mais nada. Passou a mão no ombro, onde estava a cicatriz da bala que tinha salvo Robert da outra vez.

*Ele era um bom menino.*

Nesta hora deveriam estar retirando os pedaços de sua cabeça do muro com esponja e balde. O pai do rapaz aproximou-se. Haggins, um dos maiores capitalistas da cidade, nunca mais faria piadas nos almoços de sábado e que no ano seguinte pediria sua aposentadoria do grupo, abraçou Miller pesadamente.

“Cuide-se.” falou desvencilhando-se rapidamente.

“Senhor? O que pretende fazer?” disse Miller incrédulo observando o velho ir embora.

“Acabou. Talvez seja a hora de todos repensarmos nossas vidas. Jesus... tenho uma criança em casa. Que Deus nos proteja.”

Chris baixou os olhos ao chão. Não era muito inteligente, mas até ele sabia o que ia vir em seguida.

“Você está dispensado.” disse Karl dirigindo-se a porta.

\*\*

*Por apenas um instante, ele hesitou. Talvez uma vontade de ver (e entender) na primeira fila o que tinha acontecido com Robert. Aquela surrealidade do acontecido debatia-se violentamente em sua cabeça, levando-lhe a cometer aquela loucura iminente. Naqueles segundos de hesitação ele pisou no acelerador. Em um ímpeto instintivo de sobrevivência, caiu-se por si e viu-se a poucos metros de outro carro. Mesmo com todo o freio e habilidade tentando desviar, Chris bateu forte no carro em frente. Seu rosto atingiu a direção, abrindo o nariz em cima. Ele quase não sentiu pela adrenalina. Conforme a fumaça dos pneus baixava, viu os três rapazes saírem do outro carro, que ficara completamente amassado na parte traseira. Eles estavam com as mãos na cabeça e vinham na sua direção, enraivecidos, gritando com ele. Miller cuspiu sangue no chão, olhando-os pelo vão do pára-brisa que estava trincado.*

*Ele fechou os punhos, apertou os dentes em fúria.*

*O resto já sabia o que fazer, e o fez com maestria.*

O delegado olhava uma folha de papel com óculos fundos, fumando um charuto, enquanto resmungava junto com um chiado de asma.

“Não sei se ponho você junto com a escória ou te coloco nas rondas da madrugada, senhor... Christopher.”

Miller estava algemado, junto com um lenço no nariz.

“Cinco agressões, incluindo dois policiais que agora estão no hospital. Ligaram agora, um dos rapazes do outro carro está com braço quebrado e três costelas quebradas, um policial com baço rompido. O que diabos aconteceu com você?”

Miller engoliu uma aspirina junto com um pouco de sangue de sua boca. Seu olho estava inchado, a barriga doía por causa de todos os chutes que levou no final, quando o reforço da polícia chegou. Piscou várias vezes seu olho bom. Não tinha resposta para aquela pergunta.

“Eu só quero usar o telefone. Depois, faça o que quiser.”

“Olhe aqui. Este país preza muito o que os nossos heróis fizeram com os comunas e os chinas filhos da puta. Mas aqui, dentro de casa, temos leis.”

Miller colocou um lenço molhado e frio em seu olho.

“Vou ligar para o juiz sobre seu caso. Você tem cinco minutos.”

O delegado apontou a porta do corredor para Miller.

Miller colocou a moeda, e o sinal do telefone veio. Girou os números lentamente, junto com um olhar rápido para seu relógio. O telefone tocou do outro lado muitas vezes. Miller, ainda com a adrenalina da briga, tremia sua mão direita com dois dedos quebrados envoltos num pano um avermelhado de sangue.

*“Alo?”* disse uma voz feminina, um pouco assustada.

“Terry?” perguntou Miller em uma voz grave e rouca.

*“Pai, o que foi desta vez?”* falou a adolescente intrigada.

“Filha, tenho muita saudade de você, querida.”

Chris ouviu a respiração nervosa do outro lado.

*“Pai, já está muito tarde, o que o senhor fez?”*

“Eu queria... que as coisas... não fossem tão difíceis, sabe?”

Ouve um silêncio entre os dois.

*“Eu sei pai.”*

“Eu acho que vou tirar umas férias.” disse Chris de olhos fechados, mas dentro de sua mente ele via mais uma vez o oriental com a garganta aberta,

*(A guerra nunca vai me deixar.)*

afogando-se em seu próprio sangue, olhando-o furiosamente em seus últimos instantes de vida.

*“Te amo pai. A próxima vez, me visite, ok?”* disse Terry um pouco assustada ao perceber o tom de voz de seu pai no telefone.

“Sim. Te cuida. Papai te ama.”

Ele desligou o telefone rapidamente. Fazia três meses que eles não se falavam, pois ele estava sempre trabalhando. Ela sonhava em ser jornalista, e ele ajudou-a a entrar na faculdade. A garota tinha seus olhos e sua curiosidade de viver, mas todo o resto era da sua mãe, incluindo endereço e pensão. Conseguira ser pai, mas nunca fora um marido de verdade.

*Talvez seja melhor assim.*

Enquanto o guarda o conduzia para a cela, ele pensou em Robert e como tudo aquilo era impossível. Ao encostar a cabeça no travesseiro, dormiu instantaneamente.

[4]

Chicago, 1955

*Eram duas e meia da manhã de sábado na mansão McKinney, e já faziam duas semanas que John teria sumido e reaparecido no Aquarium. Assustado e pela sua pequena idade, o irmão menor não falou nada enquanto o médico o examinou em casa. Com recuperação rápida, em dois dias já estava sem febre, e a marca na nuca desaparecera antes mesmo do médico chegar. Benjamin ainda olhava desconfiado para seu irmão, que tinha desaparecido por uma hora inteira e reaparecido como mágica na frente dele. O garoto podia jurar que não tinha tirado os olhos da porta daquele maldito lugar.*

Naquela mesma noite, Ben acordou com um barulho de porta abrindo e viu somente os pés de seu irmão enquanto ele saía pelo quarto. Após algum tempo, notou que estava com vontade de ir ao banheiro e tirou suas cobertas do caminho, pondo seus pés descalços no carpete. No vão até a porta, tentou desviar-se da coleção de carrinhos e de um exército completo de índios e soldados de chumbo que estavam espalhados ao chão.

Por uma coincidência, aquele era um dos dias em que a lua preenchia de lado com sua luz branca todas as frestinhas das persianas das janelas oferecendo uma iluminação sobrenatural por toda a casa. Com os nós dos dedos em seus olhos, Ben ajustou-se rapidamente à luz ambiente e logo seguiu o caminho de seu irmão pela porta aberta. Ao chegar ao corredor, o menino notou que a porta do banheiro estava fechada e um pouco de luz amarela escapava pela abertura da chave. Não quis esperar por ele e então foi indo em direção à escada. Ao tocar com seu pé o assoalho frio de madeira, voltou seu olhar para o banheiro onde John estava e pensou consigo que poderia esperar mais um pouco. Foi devagarzinho até a porta e ajoelhou-se no carpete do corredor, sentando por ali.

Impaciente depois de algum tempo onde seu sono começava a incomodar, ele colocou seu olho perto do buraco da fechadura e pôde ver John de pé em cima de um banco, perto do espelho. John abria e fechava a boca, com os olhos muito arregalados.

E então seu irmão falou algo bizarro de sua boca.

Aquela fala estranha fez Ben quase cair sentado ao chão. Não era muito das palavras, e sim a pronunciação que fora feita com uma total convicção, além de alguns movimentos rápidos de sua língua. Após uma série de tiques e abrir e fechar sua mão múltiplas vezes, John falou alto e forte novamente alguma outra coisa esquisita colocando um dedo em suas orelhas.

Ao ouvir isso, o menino empurrou um pouco a porta com seu susto, fazendo o ranger da dobradiça ecoar pelo corredor. Quando ajustou seu corpo nos pés de novo, voltou sua face à porta e viu pela fresta da abertura uma expressão de surpresa e raiva na face de seu irmão que realmente o assustou.

Ben ficara tão surpreso naquele momento que poderia dizer com certeza que nunca vira traço igual no rosto de seu irmão; correu em disparada pelo corredor até seu quarto onde se cobriu com o lençol até o rosto.

Após alguns instantes de puro horror, ouviu John descer do banco e desligar a luz, batendo a porta. Em pouco tempo veio um caminhar arrastado pelo corredor. O menino tremia de medo e começava a duvidar se estava mesmo acordado. O lençol era de um branco transparente de seda, e pela luz da lua, ele viu seu irmão aproximar-se de sua cama, pisando nos brinquedos de chumbo como se não existissem ali. Sua respiração aumentou quando ele sumiu do campo de visão.

“John? Onde está você?”

Rápido como um cão selvagem, o outro menino sentou em cima de sua barriga e o lençol ficou apertado entre eles. Ben sentiu os dedos de John fecharem em torno de sua garganta e o ar sumir. Não conseguia gritar, e entre algumas coisas ditas naquele idioma estranho, Ben pode ver John levar o dedo da sua mão direita à sua garganta e traçar-lhe um risco imaginário cortando seu pescoço ao meio em meio a um sorriso horrendo.

Por alguns segundos, o menino ficou entre a vida e a morte, mas então os olhos de John piscaram muito rapidamente, e o menino tombou no peito de Ben dormindo pesadamente, enquanto o pequeno chorava e gemia de horror.

[5]

Filadélfia, 1966

“Nunca pensei que você cozinhasse.” disse Sanders.

“Nem eu.” replicou Chris virando os salsichões e forçando-se a um sorriso amistoso.

Um ano após Miller ter sido despedido, Jack, Douglas e Chris retomavam a amizade após a morte trágica do menino. A organização mudara de chefia, algum desconhecido de outro estado, mas os dois seguranças continuavam nas famílias. Havia aquele incomodo no ar, por todo aquele tempo perdido e as feridas ainda não curadas daquele dia, mas eles estavam ali para curtir uma bonita tarde de futebol, bastando comer e xingar o juiz para que tudo voltasse a um mínimo de normalidade. A televisão fora colocada no pátio, e eles comiam carne e batata enquanto os atletas suavam em campo. Para descontentamento geral, o time deles perdia a terceira partida seguida.

“Ah, para com isso.” reclamou Douglas de uma jogada interceptada. O grande segurança, que ganhou mais dez quilos naquele ano (pura ansiedade, dizia sua esposa), ainda usava suas camisetas do ano passado, com os botões numa luta descomunal para segurar o tecido em sua barriga colossal.

“Porcaria de time.” disse Miller tentando se interessar.

Por um tempo eles ficaram quietos enquanto o time visitante marcava mais um *touchdown*. Jack então desligou a TV em um sorriso amarelo. Ninguém reclamou. Eles terminaram a comida e avançaram nas cervejas geladas.

Quando os assuntos usuais acabaram, o segurança Douglas falou, deixando seu pão com salsicha de lado e mexendo muito suas mãos.

“Sabe, eu ainda não entendo o que aconteceu naquele dia.”

A maior parte da culpa recaíra em Douglas, que não conseguira segurar o rapaz antes de entrar no carro.

“Doug, por favor. Não é o momento.” reclamou Sanders.

Após alguns instantes, inevitavelmente os dois voltaram-se para Chris, que ainda olhava a TV desligada.

“Também não entendo o que aconteceu com a menina Goldberg.” disse Chris.

“Foi semana passada.” disse Sanders.

“Em uma festa no centro, atirou-se do parapeito. Dezoito andares. As testemunhas não ouviram seus gritos.” disse Miller.

Os seguranças se olharam, pois aquelas informações eram confidenciais de dentro da polícia e da família.

“Não houve reunião desta vez. Os pais...”

“Ainda estão em estado de choque no hospital.” terminou Miller.

Douglas trocou um olhar de estranheza com Jack.

“Como você sabe?”

“Eu... fiz novos amigos na polícia. A Terry é jornalista no *Globe* e teve acesso a alguns detalhes que não podiam ser abertos ao público via mandado judicial. Perfil psicológico não mostrava nenhum dos traços usuais suicidas. Sandra Goldberg tinha viagem marcada ao México em poucas semanas. Notas acima da média, namorado fixo. Tudo fora do padrão.”

Mais um silêncio. Miller virou toda a sua lata de cerveja olhando a TV, quase em transe.

“Igual a Robert. Não tem explicação.”

“Que porcaria.”

“Venham comigo.” pediu Chris levantando-se.

O subtenente Miller abriu a porta, e eles entraram dentro de um pequeno escritório, com suas paredes exibindo muitos artigos de jornal e notas suas rabiscadas ao lado.Os dois amigos respiram sonoramente, olhando por tudo.

“Eu não entendo ainda o que está acontecendo, mas os fatos estão ai. Suicídios trágicos. Seis meses de investigação.” falou Miller.

“Quantos?” perguntou Douglas.

“Oito só na nossa cidade. Dois em proximidade com as famílias.”

“Robert Haggins, filho de Karl Haggins, orgulho da cidade de Filadélfia, morreu hoje em um acidente trágico. Thomas Jenkins esteve no local...” Douglas leu em voz alta.

“E não achou nada relevante.” completou Sanders, de mau humor. “Eu tenho esse recorte também.”

“A imprensa não soube de metade que aconteceu. A reportagem não menciona a luta de Douglas, muito menos a perseguição. O fato de que Robert não sabia dirigir foi levado como único fator que explicaria ‘o acidente’, como eles colocam aqui.” disse Miller.

Houve um silêncio desconfortável.

“Chovia *pra cacete* naquele dia.” disse Douglas enraivecido.

Os dois seguranças se olharam por algum tempo, muito sérios. Miller caminhava lentamente pelos artigos.

“Por mais que eu olhe, não existe padrão. Só a estupidez da morte destas pessoas. Aconteceu com Robert e Sandra. Parece ser algo... recorrente a cada mês.”

Miller olhava o mural com raiva. Sua mente tentava alcançar alguma coisa, mas o que fazia era empurrar cada vez mais o inexplicável para longe de si. Aquilo lhe frustrava demais.

“Ah, quer saber? Que se foda.” disse Jack.

Miller olhou para os dois, intrigado.

“O carro tinha recém batido. Robert voou para frente, e acertou o muro. Fumaça ainda saia do capô do *Bentley*, e o barulho do acidente continuava ecoando na minha cabeça.”

“Então aconteceu o raio.” completou Douglas afirmando com sua cabeça, lembrando-se do dia fatídico.

“Eu achei que o raio tinha caído ali perto, até me abaixei por que tudo ficou iluminado.” completou Douglas.

“Lá em cima. Entre duas nuvens cheias de raios, passou um destes... discos. OVNI como dizem no rádio, nestes programas de madrugada. Eu... tenho me informado.” falou Jack um pouco ruborizado e assustado.

“Sim, era enorme. Mas foi muito rápido, menos de dois segundos entre as nuvens. Eu achei que tinha pirado, mas nós dois vimos a mesma coisa, Chris.” disse Douglas.

“Foi a coisa... mais estranha da minha vida.”

Eles olhavam para Miller, e o cigarro que estava em sua boca caiu no chão, e ele ficou por um bom tempo parado de boca aberta e de olhos esbugalhados, com a garganta subindo e descendo nervosa e sentindo todos os cabelos de sua nuca eriçarem-se como num choque elétrico.

“Você não acredita?” perguntou Douglas.

*O gigante, meu deus o gigante.*

“Eu... quero acreditar.” disse Chris baixinho, tocando sua pedra azul no peito com força.

Por dois dias seguidos, Miller evitou o seu escritório e voltou a fumar como se não houvesse amanhã. Conhecia bem seus amigos para não duvidar que eles estivessem mexendo com suas idéias.

*Nós dois vimos a mesma coisa, Chris.*

Estava agora na frente do espelho, nu, com a água do chuveiro aberta, esquentando o banheiro enquanto a fumaça ia aumentando vagarosamente. Tocou-se em baixo de seu mamilo direito, onde uma pequena cicatriz estava lá, em um tom mais branco que o resto da pele. Era em curva, como um anel. Haviam outras em suas pernas, mas fora aquela ali que seu pai o derrubou sem ar no chão perdendo os sentidos quando era menino.

*O que o pinheiro não resolve, a corrente conserta.*

Miller ficou por ali, como o disco que pairava nas nuvens, até não se ver mais no espelho. Quem estava se escondendo? Seria loucura pensar nisso, mas seu coração batendo forte respondia que sim, havia uma conexão bizarra.

*O meu disco não está lá fora, e sim em minha cabeça.*

\*\*

“Tente relaxar, senhor Miller.” disse o hipnotizador com o máximo de paciência.

“Isto não está funcionando.” reclamou Chris.

“Precisa de tempo e dedicação. O que você esperava?”

“Resultados. Já estamos na sétima sessão e acho que estou cada vez mais longe de me lembrar de qualquer coisa.”

O hipnotizador colocou suas mãos nos olhos, cansado.

“Chris, acho que essas memórias estão muito fechadas, e os meios habituais de hipnose não serão suficientes para passar esta barreira.”

Miller suspirou sonoramente, completamente frustrado.

“Memórias represadas são normalmente associadas com o máximo de violência ou abuso. É este o caso?”

“Não é da sua conta.” retrucou Miller.

“Já lhe falei que precisamos ter confiança. O senhor até consegue ficar no estado mental apropriado, um transe leve, mas alguma coisa está impedindo o acesso.”

“O quê?”

“Olha, vou te recomendar para outra terapeuta, ok? Ela já tratou de veteranos com sucesso e você precisa de, digamos assim, artefatos que o tirem de sua resistência habitual ao sofrimento. Sua mente aprendeu a se defender muito bem pelo esquecimento seletivo.”

Krezensky abriu a sua última gaveta, pegou um cartão e o entregou a Miller.

“E se não funcionar?” perguntou Miller.

“Talvez seja melhor não mexer com o que está quieto.”

A casa de Katie Hobbes ficava na zona rural, quarenta minutos fora da cidade. Por ali, carroças passavam lerdamente e Miller, após perguntar algumas vezes, encontrou a casa branca com alguns carros velhos estacionados no pátio da frente.

Ele bateu na porta.

“Chris?” disse Katie, loura e grande em sua frente.

“Senhorita Hobbes? Krezensky lhe... recomendou.”

“Para qual serviço?”

“Hip...Hipno...” Miller não conseguia dizer a palavra.

O homem grande na porta silenciou-se e cruzou os braços emburrado.

“Você parece mesmo com um veterano. Mais alto até que eu imaginava.”

Miller sorriu um pouco sem graça. Olhou em volta com uma corrida de olhos e entendeu que aquela era uma casa de hippies, com roupas coloridas e música distorcida. Katie, que parecia ter uns trinta e cinco, estava descalça e usava um vestido grande e branco, com um decote largo. Ela era uma mulher grande, voluptuosa. Não usava sutiã, e os bicos de seus seios ficavam um tanto evidentes pelas transparências.

“Eu acho que devo ir embora.” disse ao notar com mais cuidado o vestido da moça.

“É aqui mesmo. Se quiser a mesmice que lhe ofereceram, pode voltar para a cidade.”

Ela foi fechando a porta e Chris rapidamente colocou seu pé, barrando-a.

“Não, não. Me desculpe. Eu achei..”

“Que tinha entrado no puteiro.”

“Não, não é nada disso. Eu, realmente... preciso de ajuda.”

O sorriso voltou aos poucos no rosto da moça.

“Então entre, reservei a tarde para nós.”

Sentado no quarto de cima com a porta fechada, janela fechada e uma pequena luz de cabeceira amarela ligada, Miller começou a ouvir a um disco que Katie colocou na vitrola. Era um simples som de tambor monótono, parecia africano, junto com alguns pássaros ao fundo.

*Tum, tum, tum, tom, tom, tom.*

Kate estava em sua frente, os dois sentados nos lados da cama. Ela olhava-o com muito interesse, mas de forma séria. Chris podia sentir alguma fisgada, algo diferente, como se ela estivesse rondando a porta da sua mente somente com aqueles olhos.

“Muito bem Chris. O que estamos procurando?”

Miller tossiu um pouco e despejou tudo de uma só vez.

“Eu.. Eu era menino, e alguma coisa aconteceu comigo na fazenda, pois acordei na cama, todo sujo, sem saber por onde eu fui uma tarde inteira. Eu preciso saber o que aconteceu.”

*Tum, tum, tum, tom, tom, tom.*

“Certo. Acalme-se, respire fundo.”

Miller descruzou seus braços e com suas mãos segurou seus joelhos, nervoso. Puxou o ar com o nariz, tossiu mais um pouco, junto com uma risadinha nervosa.

“Precisamos estar tranqüilos. Você está a salvo aqui.”

“Certo.” disse Miller ficando mais sério.

*Tum, tum, tum, tom, tom, tom.*

Aos poucos, Chris parou de olhar ao redor (pinturas de natureza, armário semi-aberto com roupas hippies penduradas) e finalmente deixou-se levar ao encontro dos olhos de Kate. Ela o aguardou pacientemente, e quando os dois estavam olho a olho, ela se levantou devagarzinho.

*Tum, tum, tum, tom, tom, tom.*

Sem nunca perder aqueles olhos, ela foi até ele. Tocou as mãos dele, rijas e frias. Com mãos fortes, ela levantou sua mão direita, pegou cada dedo, massageou e foi para o próximo sem pressa. Fez o mesmo com a mão esquerda. Ela balançava sua cabeça levemente, como se seguindo o ritmo do tambor. Das mãos, ela foi até os braços. Apertou forte seus bíceps também ritmicamente, sempre mantendo contato visual.

*Tum, tum, tum, tom, tom, tom.*

“Estamos tranqüilos, Chris?”

“Sim.”

Mas os olhos dele ainda tinham aquela angústia característica que Katie conhecia bem em seus pacientes.

“Está tudo indo muito bem. É assim mesmo.”

“Sim.”

*Tum, tum, tum, tom, tom, tom.*

“Fique quieto agora. Mantenha seus olhos em mim, amor.”

De pé na frente dele, ela tocou seus ombros, retesados e tensos. Mantinha seu olhar nele, como uma cobra em sua presa. Miller sentia que não controlava mais seu pescoço, pois ele acompanhava a mulher onde quer que ela fosse. Além disso, ele sentia suas mãos e braços mais leves, descarregados. Sua boca afrouxou um pouco, e ele respirava cada vez mais devagar.

“Oh querido, você carrega o mundo nas costas. Relaxe.”

*Tum, tum, tum, tom, tom, tom.*

Kate massageou seus ombros diminuindo pouco a pouco a resistência dele.

“Agora feche os olhos. Estamos seguros aqui.”

Pela primeira vez, Chris sentiu algo diferente. Tinha um formigamento pequeno em seus pés, e sua cabeça parecia não ter conexão com o resto de seu corpo. Ele sorriu. O cheiro de incenso também era bom. A cama tinha aquele cheiro único de mulher, que ele já tinha esquecido desde o divórcio. Mesmo de olhos fechados, ele sentia a presença de calor dela, e aquilo lhe confortava, dava-lhe segurança mesmo naquela sessão hippie maluca. Ela fez a volta na cama, e ficou ajoelhada atrás dele na cama. Tirou um cigarro marrom do decote em seus seios, e com um isqueiro do criado mudo ao lado acendeu-o.

*Tum, tum, tum, tom, tom, tom.*

“Isto vai acelerar as coisas. Ele tem um ingrediente feito exclusivo por mim dentro dele. Acredite, faz toda a diferença do mundo. Levei dez anos aperfeiçoando-o.”

Ela tragou fortemente, e soltou a fumaça no rosto dele pelo lado. Colocou o cigarro na boca de Chris, e ele tragou com a mesma intensidade. Pouco a pouco, a química começou a atuar, e o som do disco parecia mesmo vir de dentro de uma floresta.

*Tum, tum, tum, tom, tom, tom.*

“Consegue sentir a diferença?”

Katie abraçou-o com força, e mesmo de dentro de seu torpor ele sentiu os seios dela o tocarem. Os dois ficaram assim abraçados, fumando e ela lhe massageando as costas lhe dizendo para relaxar. Chris agora balançava para esquerda e direita levemente, entrando em um transe forte.

“Quero que você se lembre de quando era menino.” disse Kate em seu ouvido bem baixinho.

Miller gemeu um pouco.

“Me conte sobre aquele dia, aquele dia especial que você não se lembra mais.”

*Tum, tum, tum, tom, tom, tom.*

Kate saiu pelo lado da cama, e o posicionou corretamente com os travesseiros. Ela desabotoou a camisa dele e a retirou por completo. Chris não esboçou nenhuma reação, completamente indiferente e completamente em transe.

“Estamos voltando juntos no tempo.” disse ela.

Ela então segurou sua mão e ajustou sua cabeça no peito dele, e o frio do transe que ele estava foi diminuindo com o calor dela. Miller gemia baixinho sentindo todos os efeitos do entorpecente junto com o transe forçado. Kate continuou a massagem nele, de cima para baixo nos braços com seus dedos fortes. Por vezes, ele tinha pequenos espasmos, e Kate ia lá e relaxa o músculo em questão.

*Tum, tum, tum, tom, tom, tom.*

E assim ficaram, por um bom tempo. O disco parou, mas ela continuou.

Miller agora sorria, sem mais se movimentar. Kate percebeu rapidamente a mudança, e lhe perguntou mais uma vez, baixinho.

“Onde estamos, meu rapazinho?”

“Minha casa.” disse o menino Christopher em uma voz pequena, quase sonhadora, dois, quase três tons acima de sua voz grave.

“Posso sentir o vento.. estou correndo para meu local. Só eu conheço. Oh Deus, é lindo.”

“Vá adiante sem medo querido. Está seguro comigo.”

Ele respira lentamente.

*“Pow. Pow.”* disse ele sorrindo como se tivesse doze anos.

“Me conte o que está acontecendo.”

“Estou.. cansado, deitado na lama. Que coisa maravilhosa.”

Ela se levanta e toca o rosto dele maravilhada. Já vira diversos veteranos responderem bem a hipnose, mas Miller foi absolutamente e radicalmente direto ao ponto em apenas uma sessão. Kate pensou um pouco, e, talvez aquilo significasse alguma coisa, mas ela desconhecia, pois seu método era muito artesanal e profundamente intuitivo.

Chris estava em total imersão, e ela ficara fascinada com ele. Sua face mudara completamente, apesar da calvície, rugas e bochechas, ele tinha um ar de menino faceiro, moleque. Aquela era uma das coisas que ela aguardava ansiosamente em seus pacientes. Alguns levavam meses. Era como encontrar um diamante em um lugar de difícil acesso. Por alguns segundos, eles se reencontravam no tempo, o menino e o adulto, e tudo de bom que a grandiosidade dos olhos inocentes refletem sobre o universo vinham à tona em grande momento, sem dúvida um orgasmo emocional.

Ela lhe limpou as lágrimas, emocionando-se junto.

“Aproveite, querido. Você não sabe o quanto isto é especial.”

“Estou dormindo na relva. Está quente. Cheiro de lama e grama.”

“Você pode se ver, deitado?”

“Sim. É estranho, não?”

“Não, esta é a nossa visão áurica querido.”

“Eu posso sentir tudo. Uma borboleta, algumas formigas. Mas parece que eu estou flutuando e me vendo ali em baixo.”

“Você esta acessando a memória fora do corpo. Tudo normal. Confie em mim. Deixe passar o tempo.”

Christopher respirou lentamente.

“Acordei rapidamente. Barulho de água. Os peixes estão voando para dentro. É imenso, no mínimo duzentos metros.”

“O que é imenso, Chris?”

Agora a voz de Miller foi mudando para o seu normal.

“O disco. Oh, parece refletir a água, como num espelho. P-posso ver ele. Ele tem roupa característica de oficial. Deus todo poderoso, ele é enorme.”

“Quem você está vendo?”

“O gigante. Ele esta colocando um enorme jacaré para dentro. Não, ele me viu. Vai me pegar. Oh, não, não, não, não, não...”

“Calma, ninguém irá o pegar. Esta a salvo.”

A respiração de Miller aumenta de intensidade.

“E-Ele é ainda maior do que eu me lembrava.”

Kate lhe abraça com dois braços fortes.

“Ofereceu-me a mão... eu aceito. É fria, como peixe.”

Kate coloca o cigarro na boca de Miller, e ele traga mais uma vez. O pânico dissolve e ele respira um pouco melhor.

“Eu aponto para o disco...

*e o gigante parece entender que eu quero ir lá. Ele acena que sim com sua cabeça enorme, grandes olhos espertos. Com um aperto em uma coisa quadrada em seu cinto, um flash acontece, e estamos dentro de uma estrutura, que parece também flutuar, onde todo o pântano fica visível por todos os lados. O gigante vai descendo por uma plataforma perto dali até um tanque através de uma escada feita especialmente para ele.*

*Suas pegadas fazem um barulho forte e duro.*

*Uma moça me recebe. Ela tem as mesmas roupas que o gigante, e não consegue deixar de exibir uma cara de surpresa.*

*“Você é um ribeirinho muito curioso.” disse ela muito feliz.*

*“Ele é gigante.” eu digo em estase infantil.*

*“De onde eles vêm, tudo é um pouco mais diferente, grandioso. Ele o acha engraçado.”*

*“Mas ele não fala.” eu retruco rápido, sem educação.*

*A moça, que estava em seus vinte anos, vira um pouco sua cabeça e mostra um equipamento esquisito dentro de sua orelha, batendo duas vezes no aparelho.*

*“Precisa ter um destes. Eles não podem falar diretamente conosco, só usando uma máquina para traduzir.”*

*Eu olho ao redor: o exterior de onde estamos é transparente, vejo a floresta por todos os lados, mas o chão é de metal. Tem uma cadeira perto, e eu me sento com pernas frouxas e mãos geladas.*

*“Vamos ter de sair por um pouco. Depois o deixaremos em casa.”*

*A minha ansiedade é maior que a tremedeira nas pernas, e me levanto da cadeira. Vou até uma beirada de onde estamos para olhar o gigante, que agora aponta um tubo metálico para o jacaré, que se contorce e logo cessa todos os movimentos. Parece dormir.*

*“Vamos. Temos o suficiente.” disse ela para outro rapaz ali perto, com um capacete transparente esquisito em sua cabeça, onde símbolos voavam por seu redor, o que me deixa um pouco tonto.*

*E então, sem barulho nenhum ou aviso, a floresta vai caindo. Até as arvores mais altas vão ficando para lá em baixo. Naquele silêncio todo, eu me agacho instintivamente. A moça gentilmente me recoloca na cadeira. Um cinto aparece detrás e fecha na frente, em cinco pontos.*

*“Acredite, você vai precisar. Eu precisei.” disse ela serena.*

*Eu olho para cima, e vejo as nuvens se aproximando rápido. Eu solto gritos e mais gritos, e então me agarro no cinto. Sinto a mão firme e forte da moça de pé ao meu lado a me cuidar.*

*“Leva um tempo para acostumar.”*

*“S-Santa Ma-maria de D-Deus!” eu grito em pânico de cristão convicto.*

*Por minutos, o céu azul vai tornando-se escuro, até que as estrelas aparecem no meio daquele dia. Eu não entendo como isso pode, pois a noite ainda demoraria muito para chegar. Me lembro de casa e começo a chorar. Se chegar tarde, irei apanhar para valer.*

*“Garoto, em pouco tempo estaremos de volta. Eles nunca viram um jacaré tão de perto assim antes, e estão um pouco ansiosos.”*

*Do lado de fora, eu vejo algo descomunal de metal em tamanho, girando no espaço. Um pedaço abre-se, como uma porteira, e nós entramos.*

*A moça me olha com muito interesse, com um enorme sorriso.*

*“Faz muito tempo que não vejo um menino como você. Você me lembra meu irmãozinho. Acho que entendi o que o nosso gigante fez; eles são muito recompensadores.”*

*O gigante caminha até onde estamos. Eu não consigo parar de olhar para ele. Ele gentilmente toca meu ombro e logo vira seu rosto para a moça, que toca sua orelha e se emociona.*

*Mas, após alguns instantes, algo muito sério aconteceu, pois ela muda rapidamente seu semblante. Ela toca meu rosto, com ambas mãos. Sua beleza é algo ímpar, com olhos azuis profundos numa pele imaculada. Aqueles olhos se enchem de água junto com os meus rapidamente.*

*“O mundo é das crianças. Largo e imenso, cheio de mistérios e de coisas bonitas e perigosas. Nunca deixe de acreditar nisso. Agarre-se em tudo o que seu coração mandar.”*

*A moça tira uma tira de couro com uma pedra azul e a coloca no meu pulso, amarrando com carinho e ternura. Eu apenas respondo com um sorriso sincero de menino da roça.*

*“Um dia você vai entender. O universo nunca dá nó sem corda. Tudo tem um sentido, embora a gente nunca sabe a hora. Essa corda não tem fim.”*

*Ela se levanta, olha para o gigante e pára por um momento. O gigante me toca de leve no ombro mais uma vez. Aqueles olhos enormes do gigante ficam apertados e as pupilas sobem, deixando apenas o branco. Por um momento, eu não respiro. A moça então leva a mão em sua boca e se emociona, mas desta vez as suas lágrimas são outras, de absolutas verdades: as mesmas de meu pai no cemitério.*

*“E-Ele disse que você vai saber o que fazer.”*

*“Por que está chorando, moça?”*

*“Os gigantes observam o futuro. Eles sabem tudo sobre você. Sua provação será próxima e dura.”*

*Ela se agacha e me abraça.*

*“Pobre menino.”*

*Eu também choro sem saber.*

*“Hora de voltar para casa. E de criança tornar-se adulto.”*

*Ele está segurando minha cabeça... Eu vejo uma luz, parece*

“P-Parece me e-envolver...” disse Chris tremendo.

Kate segura Miller com todas as suas forças, enquanto ele se debate. Ele é pesado, e muito forte para ela. Ela gira para o lado e os dois caem no tapete. A gravidade sempre funciona para quebrar o transe, e por isso ela tinha seu tapete extra macio. Chris acorda e olha para ela com os dois olhos esbugalhados: Kate estava em cima dele.

“Eu não acredito!” diz Miller atordoado.

Kate passa uma mão em seus olhos, conferindo se o transe efetivamente acabou. Miller olha para todo o quarto apertando seus olhos. Os dois se separam e sentam lentamente no tapete felpudo, com Miller um pouco desconfiado.

“Em todos esses anos, nunca vi nada parecido.” disse Kate.

“Eu fui... subi, até lá. Era imenso*!*” disse Chris apontando para cima.

“Sim. Eu fui junto com você. Que viagem!”

“O que tinha nesse fumo?”

“Placebo. A melhor droga para a mente.”

Miller notou que estava sem camisa e ruborizou-se.

“Desculpe, eu fiz algo errado?”

“Você... não precisa se desculpar.”

Em pouco tempo, ele sorriu agradecido para ela. Ninguém fora tão atencioso com ele em todos estes últimos anos. Ela desvendou aquelas memórias guardadas por toda violência do mundo com tanta generosidade e carinho.

Kate se aproximou, e em dois movimentos rápidos, os dois agora estavam sem a parte de cima de suas roupas. Miller sorriu e estendeu sua mão para ela, que o envolveu em um abraço quente e generoso, sentindo-a por todo seu corpo em um beijo demorado.

Foi uma tarde espetacular que ele nunca mais esqueceria.

[6]

Los Angeles, Agosto 1968

Hober Keelix abre a porta lateral de uma Kombi verde com os dizeres em branco *Lavanderia Rose* em uma rua secundária do centro. Em um pulo, desce à calçada. O carro segue em frente enquanto ele entra imediatamente em uma cabine telefônica. Hober confere seu relógio e coloca uma moeda no telefone, girando os números sem hesitação. Quando o homem fecha a porta completamente da cabine, ouve sua respiração um pouco nervosa. Aquela ligação iria colocar algumas rodas em movimento, e ele esperava que nenhuma delas chegasse perto demais de si, muito menos que a lama o atingisse.

O sinal sonoro da chamada em seu ouvido parou e um silêncio de máquina no fundo. Ele fungou um pouco e falou olhando mais uma vez para o relógio.

“Kansas Delta Zulu, 17. Pronto e esperando.”

Hober desligou o telefone pegando o troco e colocando no bolso da calça. Foi até a banca a alguns passos dali e comprou uma revista qualquer. De óculos escuros, aguardava a ligação de volta, enquanto passava seus olhos distraidamente pelas folhas cheias de fotos de gente famosa e seus escândalos semanais.

Dois minutos depois, o telefone toca e ele atende. Do outro lado, uma voz impaciente.

“Você pode prosseguir.”

“Tivemos danos ao protocolo. Agente 11 está comprometido. Possível vazamento de tecnologia para outras agências e até mesmo... imprensa. Última avaliação psicológica apresenta sinais de paranóia e sugestões de desconfiança acima do esperado.”

Silêncio do outro lado. Após um momento breve veio a resposta incrédula. Um suspiro longo e demorado do outro lado.

“É lamentável termos de fechar mais uma operação sua, 17.”

A face de Hober tornou-se rubra instantaneamente e quase se pode ouvir o ranger de seus dentes no outro lado da linha. Sentiu o ímpeto de quebrar o vidro com sua mão, mas isso só iria tornar as coisas ainda mais difíceis para ele. Por fim, o homem alto e bruto falou entre dentes, parecendo completamente ofendido.

“Lamentável é ter de fazer tudo sozinho, e de nunca poder ver a cara de espanto de vocês quando temos uma interferência ocorrendo dentro de casa. Vocês estão sempre em uma merda de sala, operando uma merda de telefone.”

A resposta veio rispidamente e pontual.

“Mais alguma falha que queira reportar, 17?”

Keelix automaticamente puxou um cigarro e o acendeu com uma concha, quase funcionando no automático, tragando furiosamente e botando para fora dois jatos de fumaça por seu nariz achatado.

“Temos um possível substituto para a última... Bem, baixa. Preenche o perfil. Talvez possamos aproveitar este contexto de ruptura. Providenciarei as condições.”

Silêncio do outro lado por algum tempo.

“Somente Frank decide estas coisas.”

Em sua frente, a Kombi já tinha voltado e parado bem perto da cabine, com motor ligado e pronta para sair. Por fim, falou com o máximo de desprezo que pode conseguir.

“Faça só a merda do seu trabalho, piloto de gabinete.”

Mais silêncio do outro lado. O fone é abafado, mas uma meia conversa é torna-se audível. Depois de alguns sons de discussão, o som torna-se um inconfundível tom raivoso cheio de ironia, com outras conversas paralelas ao fundo.

“Terá de resistir mais que o último. O custo é quase impensável quando algo dá errado. E as coisas ultimamente sempre dão erradas, não?”

O homem fechou seus olhos e os massageou com o polegar e seu penúltimo dedo da mão esquerda. Nunca se dera muito bem com os burocratas, que ainda estavam mordidos e pagando pelos estragos da ultima confusão. Em uma careta, apertou os dentes em seu lábio inferior tentando esquecer o que ele vira quando tudo se tornou um pesadelo. Sua mente já tinha absorvido a maioria da coisa, mas os *flashes* são os mais difíceis de ignorar, quase como os ecos de um grito do passado quem nem era tão remoto assim e que iam e voltavam sem controle.

O homem falou então em um desabafo cúmplice.

“Nunca foi fácil... para ninguém.”

\*\*\*

O telefone tocou duas vezes dentro do apartamento. Ecoou pelas paredes, cortinas fechadas, cigarros e garrafas de uísque espalhadas pelo novo habitat de Chris. No terceiro toque ele levantou-se em um grande susto, com olhos vermelhos esbugalhados. Chutou um sapato fora de lugar, empurrou a cadeira que bateu forte na parede, e com agilidade tirou fone do gancho de seu telefone fixado na parede a poucos metros da cama.

“Alô, alô, alô?” disse ele rapidamente, achando que tinha perdido a única ligação em seis meses de silêncio total com o mundo externo.

*“Pai?”* disse Terry do outro lado da linha, um pouco nervosa.

“Sim. Sou eu.” respondeu Miller sorrindo enquanto o álcool em si reclamava por atenção, girando um pouco a sua cabeça, e o vergando pelo vazio no estômago.

“Como estão suas férias? Olha, eu sempre quis viajar para LA, você sabia? A mãe nunca sai de casa. Quem sabe eu possa passar por ai?”

Chris abriu um pouquinho a persiana. O sol forte das onze da manhã abriu uma fenda luminosa pelo apartamento, e seus olhos arderam – ele se virou rapidamente para o outro lado. Seus olhos acharam mais uma vez sua investigação a sempre lhe esperar. Uma parede inteira de fotos, recortes, linhas de barbante, anotações suas fixadas com muitas interrogações ao lado de notícias de OVNIS e suicídios. Pela mesa, chão, cama haviam muitas revistas e jornais, misturados com comida, doces, bebida e cigarro.

*Deus, o que digo agora?*

“As férias, vão... bem.” disse melancólico.

Para todos os lados que olhasse, haviam pedaços de pistas o esperando. Em sua frente, um recorte onde casal reportava que teria sido abduzido perto do reservatório Encino, duas semanas atrás.

*Preciso conferir com os obituários do Times.*

“Pai? Alô, está por ai?” perguntou Terry ansiosa.

“Sim, querida. Me desculpe. Meus amigos do clube ficaram de me buscar e preciso achar uma roupa limpa nessa confusão. Aparentemente vinte anos solteiro não me ensinaram a combinar uma camisa com jeans, você pode acreditar?”

*Não mente pra sua única filha, seu senil de merda.*

“Eu acredito. Liguei para dizer que ganhei uma promoção. Sou a nova assistente júnior.”

“Congratulações, querida. Você merece tudo de bom da vida.”

Miller tira a foto de Terry de sua carteira e a segura perto de si. Sua filha com treze anos e um cachorrinho.

*Deus do céu, o tempo passa.*

Dois toques na porta. Chris estica o telefone, abre uma fresta pela porta e vê o entregador de jornais. Ele tira uma nota de cinco, e passa pelo pequeno espaço. Equilibrando o telefone com o ombro, ele pega o exemplar com a outra mão.

Miller tosse, pisca seus olhos e busca algo a dizer.

“Eu... finalmente aprendi a fazer um *birdie* sem trapacear.”

“Você jogando golfe?” retrucou Terry incrédula.

“As pessoas evoluem filha. Uns menos, outros bem menos.”

Miller automaticamente vira o jornal no fim, com a foto de sua filha ainda na mão. Ele passa pelos esportes, pela seção de polícia e chega nos obituários. Lá estava a foto de outra menina sorridente, junto com uma nota fúnebre de missa de sétimo dia. Lentamente, sua mão desce com a foto de sua filha e ele coloca as duas fotos lado a lado, quase inconscientemente.

Algo dentro de si finalmente racha. Duas lágrimas vertem imediatamente de seus olhos, e se ele tivesse algo no estômago vomitaria imediatamente. Terry do outro lado da linha dá uma risada com a última fala de seu pai e começa a contar seu dia. Chris, em completo horror, coloca a mão no bocal e o aperta fortemente enquanto o choque das imagens corre por todo o seu corpo desenfreado, num choque elétrico.

*Podia ser você!*

Rapidamente os sentimentos fluíram para a raiva, e ele trincou seus dentes e socou fortemente a parede fraquinha daquele apartamento sujo e fedido, que cedeu com o impacto, e ele ficou com metade de sua mão dentro da parede.

*Obrigado, Senhor Miller.*

Chris tremeu mais uma vez com a lembrança. Olhou para o mural e sabia que haviam mais de quinhentos casos parecidos sem soluções desde que o começara. O ar lhe faltou como um ataque de asma, enquanto sua filha dizia que tinha dado entrada em um carro somente seu, embora sua mãe odiasse isso, e estava louca para viajar, conhecer Nova Iorque.

“Filha, tenho de ir. Posso te ligar depois? Estão me chamando lá em baixo para o jogo, e eu não os quero deixar esperando.” disse Miller com o máximo de controle possível.

“Ok, pai. Vê se liga de volta. Você tá mais estranho do que o normal. Vou te esperar, beijo.”

“Beijo. Te amo. Por favor, *por favor,* te cuida.”

“Ok, até mais.”

Miller não desliga o telefone. Ele segura o bocal em seu peito, fecha fortemente seus olhos. Não podia mais ver tudo aquilo. Não haviam pistas, somente registros e mortes que não tinham fim. Tal como um cego, ele foi passo a passo caminhando por ali. Seus pés iam tocando o chão com receio, e muito lentamente ele foi se deslocando até o armário, onde entrou lá dentro e fechou-se por completo, tendo uma crise completa de ansiedade. Pegou uma camisa qualquer, colocou-a na boca, mordeu-a e gritou tudo o que podia, diversas vezes. Escorregou até o chão com duas pernas bambas e lá ficou por horas.

\*\*\*

Notadamente, o Boxe não deixa de ser uma forma de comunicação. De sua camada mais na superfície, externa uma espécie de acerto físico entre duas pessoas em busca de afirmação de força e destreza. Mas depois que a adrenalina atinge seu planalto de impacto, algo escapa para o íntimo. E nesse íntimo, um pouco mais longe dos sentidos do corpo, sempre existe paz. Alguns requerem ao templo de Deus por longas rezas e intermináveis mantras; outros recorrem à punição física extrema para atingir o mesmo refúgio da mente. Ali, naquele salão imundo e fedido, o que se oferecia era uma viagem pelo templo da violência. Talvez um nariz quebrado de troco, mas nada era muito pessoal. Sem dúvida o remédio preferido de Miller.

O salão grande e alto, que já fora uma vez abrigo para mendigos, oficina de carros populares, estacionamento barato para pessoas visitando o teatro e até uma pequena fábrica de tecidos exalava um forte cheiro de couro, suor e cigarro vindo do velho piso. Para quem olhasse de longe da rua seria uma pocilga cheia de possíveis marginais, mas para Chris sempre fora algo sério. Em seu tempo, resolviam-se as coisas daquele jeito e com ele não seria diferente. Ultimamente, era a única coisa que anulava o eco de todas as coisas absurdas em que estava passando.

Em sua frente, Reynolds arrastava-se já no terceiro round, parecendo rebocar toda sua banha com dificuldade. Mas Chris sabia que isso não lhe servia de vantagem alguma. Depois de tanto tempo ganhando e perdendo lutas por alguns trocos desde quando era moço, sabia que a diferença quando não se têm nenhum treinamento transparecia até onde se suportava a dor. Um pesado como aquele agüentaria muita porrada e depois ainda mais um pouco. Todo aquele peso extra pode ser extremamente estratégico, mesmo com amadores. Todas essas coisas voavam por cima de suas ideias, e enquanto Reynolds lhe entregava uma seqüência um tanto previsível em sua barriga, lembrou-se de ter visto um negro chamado Ray ganhar de um universitário metido quebrando dois dedos de sua mão esquerda no meio da luta. Mesmo assim o viu trabalhando na construção no dia seguinte, de mão enfaixada. Talvez Reynolds tenha sido uma péssima escolha, mas Chris nunca fora de recusar um ringue. E de apanhar um pouco também. Suas melhores lutas sempre terminaram com ele dormindo doze horas seguidas de tanta exaustão, e seu rosto machucado que faria sua mãe se não tivesse morrido tão cedo, orar a Deus só de olhar.

Mas o passado estava morto, tal como Robert que não teve um funeral aberto, somente uma foto grande e colorida ao lado de flores brancas. *Onde estão as respostas!* Miller mordia ainda mais o protetor bucal e via que o queixo do gordo estava parcialmente levantado. Com agilidade de veterano gingou o corpo para frente, enquanto sua esquerda desceu e subiu rápido. Reynolds desabou como um saco de batatas. O irmão de Reynolds, muito mais pesado que o outro e mordendo um charuto apagado levantava uma de suas pernas gordas pela corda do meio do ringue brandindo seu chapéu marrom na mão enquanto lamentava o dinheiro perdido. Miller cuspiu a proteção bucal em sua mão e falou com a maior calma que conseguiu:

“Você me deve duzentos. Passe para cá, gordinho.”

“Isso não foi luta justa. Olhe só meu irmão.”

“Archie, deixe de ser mau perdedor. Rey nem dormiu, só está descansando sua bunda gorda.”

O outro gordo contou o dinheiro tirado de seu bolso e entregou relutante. Reynolds levantou-se sem olhar para Chris. Ali não lutaria mais, teria de trapacear em outro local. No ringue ao lado, um novo pugilista com corte militar cumprimentou Miller ao acaso.

\*\*

“Testando.” disse Miller ao gravador em sua frente. Ele rebobinou a fita e ouviu sua voz, com nitidez suficiente.

“Não tenho mais paciência para escrever em papéis o que está acontecendo. Então vou gravar aqui meu testemunho antes que eu enlouqueça.”

Ele tomou um grande gole de sua vodca.

“A conexão OVNI e suicídios não é mera coincidência. 86% são bem convincentes. O problema está na teoria, ou a falta dela. Não temos evidências posteriores e muito menos algum *modus operandi* conhecido, somente mortes sem sentido. Em 60% dos casos, a vítima – sim, a vítima, tenho certeza disso senão já tinha voltado para casa, é de classe alta. Isto sugere alguma predisposição. Outra estatística: não temos casos com pessoas acima dos vinte e oito anos de idade. Todos morrem cedo.”

Miller coça seus olhos. Estava a dois dias sem dormir direito.

“Nos registros de OVNI, misturam-se abduções e o comum testemunho sobre a observação de pontos de luz. Discos são raros, algo em torno de 8%. Os discos são sempre enormes, como uma quadra.”

Ele espera um pouco.

“O que acho que seja mais próximo da verdade. Foi assim comigo.”

Miller para o gravador, volta e começa a gravar sobre o que ele disse, apagando sua última fala.

“As abduções são o pior. Eu não tenho como descrever o horror. Fui em diversas dessas convenções de ufólogos, e...”

Ele se silencia, fuma um cigarro, olha o movimento abaixo na rua tentando ter alguma seriedade no que estava fazendo.

“Um deles me convenceu. Não disse nome, nem nada. Falou pouco. Tinha ar mesmo de milico, dava pra ver pelo jeito truncado de falar e andar. Disse que era “número 11”. Começou falando sobre monitoração das pessoas, e de que os ETs podiam controlar qualquer um a hora que quisessem. Algumas pessoas deram risada, o organizador pediu silêncio. Cara, foi uma merda. Ele ficou irado e saiu da sessão. Até hoje me pergunto o que esses doidos ganham com isso. Não é possível que seja só atenção. Aquele cara... ele tinha raiva verdadeira. Eu..”

Miller olha para a sua arma na mesa.

“Eu conheço essa raiva. O segui por dois dias. Já sei quais locais onde ele come, e tenho seu endereço. Viciado em pó também. Talvez esta seja a hora de fazer uma visita.”

Miller coloca o papel do endereço um pouco amassado em suas calças, e vira o copo em um só gole.

“Faço isso por você, Robert. Algum filho da puta vai pagar, nem que eu tenha de buscá-lo no inferno.”

\*\*

Ao entrar no clube de boxe, Miller sabia que hoje seria como nos velhos tempos de dureza; sem vencedores — só os quebrados e vencidos pelo mundo. Depois de amarrar sua luva com muita calma, Chris sentou-se no banco e começou a ver as duas lutas que aconteciam em sua frente, enquanto sua mente distanciava-se dali e encontrava-se com os olhos de um menino e um revólver, girando

*(muito obrigado... Sr. Miller)*

e apontando para ele.

“Sabe, você parece um velho durão para mim.”

Era o cara novo. Devia trabalhar em um açougue carregando carne pelo tamanho de suas costas. Provavelmente teria quase sua idade, talvez uns cinco anos menos. Corte de cabelo curto, de máquina, parecendo querer esconder uma calvície precoce. A velha e besta vontade de jogar tudo para o alto e apostar todas as fichas brilhou nos dentes de Chris. Perdendo ou ganhando, o que importa era pelo menos tirar um pouco de sangue do outro, e isso Chris sabia como fazer. O homem se apresentou, virando o rosto rápido e cuspindo no chão.

“Hober.”

“Chris.”

Os dois bateram de leve as luvas.

“Vi você bater aquele gorducho outro dia.”

Chris olhou um pouco melhor o homem.

“Eu dei sorte. Na marinha eu escolhia muito mal. Mas lá era outro tipo de boxe. Dizem que a fúria é que faz a diferença, mas eu vi uns filhos da mãe lutarem até deslocar a retina por um mês a mais de soldo. Dinheiro é o melhor amigo do homem, pode-se dizer isso com todas as letras e putas do mundo.” falou Hober.

Um pequeno silêncio entre eles foi preenchido por golpes surdos e um arrastar de pés no chão. Hober olhava frio a luta enquanto Chris coçava a cabeça e pensava quantos *rounds* poderia agüentar empurrando toda a sua idade nas costas. Hober propôs enquanto fumava um cigarro com a outra mão sem luvas.

“Quatro *rounds*.”

Aquele cara ao lado parecia que podia quebrar a sua cara em dois, mas Miller concordou em seguida. Sentia uma crescente necessidade de ver até onde conseguiria ir. Disse então com um certo prazer, sentindo o sangue esquentar e os olhos se injetarem, reunindo tudo que tinha de podre na cabeça para em breve libertar sua angústia de uma só vez.

“Somos os próximos.”

Desde o primeiro golpe recebido de Hober, Miller soube que estava perdido. Lembrou-se de marginais que colocavam dois anéis mais grossos nos dedos para um soco mais forte, mas você sabe na pele sempre a diferença quando não existe trapaça e é a coisa verdadeira. Rápido e usando todos os músculos, começando pelo quadril que girava até sua direção, passando aquela energia até o ombro, onde o cotovelo abria-se como uma máquina transferindo todo o impacto até os dedos apertados na luva que encaixavam uma direita no rosto de Chris. No fim do primeiro round, Miller já estava quase esgotando todos seus truques. Mas, além disso, havia os olhares do outro ao relógio. Um alerta na cabeça já vacilante de Chris piscava um tanto esquecido. Conforme seus olhos viam Hober a lhe acertar fortes seqüências, quase o vergando ao chão, via também pessoas diferentes na platéia. Mesmo corte militar de cabelo escondido sobre bonés e gorros.

A sineta bateu e os dois foram cada um ao seu canto. Hober simplesmente sentou-se, ofegando um pouco como se tivesse feito uma volta correndo na quadra. Chris, por outro lado, tinha o lábio inferior cortado e dores abdominais fortes, tonto e cansado. Agora, com mais calma, dava um pouco mais de atenção à platéia onde tinha notado algo diferente. Olhares desviaram quando Chris os encarou nos olhos. Eram quatro. Todos eles mantinham os braços cruzados e um deles tinha seus pés apontando para a saída, com a cabeça mais virada.

*Esses caras não estão vendo a luta.*

A sineta bateu de novo e Hober levantou-se. Chris durou menos de seis segundos indo a nocaute. Os homens parados sacam suas armas enquanto dois carros apontam na porta. O gerente do local reclama e tem uma arma na cabeça. Miller é carregado por Hober e outro jovem até o carro.

A primeira coisa que Chris viu foi um balde de água com sua cabeça para baixo, queixo no peito, o chão e tudo ao redor rodopiando. Logo sentiu as algemas em seus pulsos, com as mãos viradas nas costas. Levantou um pouco mais a cabeça, curioso e atônito, quando Hober falou ao seu lado.

“Você esteve muito ocupado, Chris. Não pensou que iríamos notar sua presença? Queremos que pare com as perguntas e volte para seu maldito sul, junto com seu amigo.”

Uma foto recente de Sanders, com o jornal de ontem junto à um nariz quebrado. Chris tentou gritar, mas seu rosto parecia estar dormente, pois ainda nem sentira o pano que lhe amordaçava.

“Se continuar, um dia irá achar os dedos de seu pai dentro de um copo na pia do banheiro. Sabe, nós odiamos fazer isso. É muito sangue e muita gritaria, mas na fazenda não precisaremos nos preocupar com isso, não?”

Outra foto da fazenda de seu pai. Não sabia que tiveram que tiveram de derrubar a árvore na frente da casa. Seu pai devia estar com quase oitenta, um dos mais velhos daquelas bandas. Chris começou a pular na cadeira em repulsa.

O general nocauteou-o mais uma vez.

Existia mais alguém por lá. Um jovem com mais ou menos vinte e cinco anos. Levantou-se por entre as sombras e falou.

“Às vezes esqueço como seus métodos são primitivos.”

“Isso vai mexer com ele. Espere e verá.”

O homem jogou um cigarro ao chão.

“O que o faz pensar que ele nos pode ser útil?”

Keelix tirou as algemas de Chris, e falou com convicção.

“Ouvimos muito sobre ele em sua cidade. Disseram que ele fugiu de casa e começou do zero. Subtenente da marinha, atuou no Pacífico – não levou um tiro sequer nas ilhas. Ele está a mais de dois anos investigando o protocolo a fundo – deve estar louco pela quantidade de material que achamos em sua casa. Ouvimos suas fitas, ele vai se encontrar com o número 11, em breve o caipira vai saber de tudo e perderemos a vantagem.”

Hober levantou-se rápido e os dois ficaram frente a frente.

“Precisamos de conduta, Frank. Coragem, persistência. Ele já sabe sobre os discos, e acredita nesta possibilidade, o que ninguém consegue chegar sem ajuda nossa, o que por si só é incrível. Nossos agentes não sabem me dizer como ele descobriu a conexão, mas ele tem todas as peças nas mãos.”

Frank se aproxima de Chris, levanta seu rosto vermelho toca a pedra azul no peito dele e fala algo que ninguém da sala consegue entender.

“Este humano já entrou em contato com o exterior antes. Vocês os conhecem como os *Tallons*, cientistas telepatas precógnitos – nós os chamamos de sentinelas. Muito acima de nós na folha de pagamento. Tudo o que este homem fez até hoje foi previsto por eles, até esta mesma sala. A pedra azul é uma recomendação de valor após avaliação completa do individuo até aqui. É assim que eles se comunicam conosco. Considere aceita a contratação deste novo agente.”

Frank dirigiu-se lentamente à porta enquanto acendia mais um cigarro, e falou, quase como um deboche.

“Sobre o caso Deveraux: mais sorte na próxima vez.”

“Tire esse miserável fodido de minha vista.” disse o general para Frank ao cruzar a porta com dois soldados em guarda.

[7]

Los Angeles, Dezembro 1968

Chris acorda lentamente em seu apartamento. Com sua mão, ele apalpa bandagens em seu supercílio esquerdo. Ainda de olhos fechados, percebe-se com as roupas que usava antes de ter começado a luta. *Filho da puta desgraçado.* Ele senta na cama. Seu apartamento foi completamente saqueado, e sua investigação tinha sido removida da parede. Miller cospe sangue no chão em repulsa. Levanta-se, e vai até a geladeira. Ficou um bom tempo olhando ao redor, e com um pano e gelo fez uma trouxa e a colocou no rosto, que ardia intensamente.

Um pensamento rápido lhe acometeu, e ele correu até o seu armário, buscando suas calças e jaquetas, revirando os bolsos para fora e jogando o conteúdo no chão. Achou um endereço rasgado em uma calça. *Alguém vai pagar caro por isso.* Embaixo da gaveta de cuecas e segura por esparadrapo estava sua pistola reserva e dois pentes cheios. Miller se vestiu rapidamente com uma jaqueta preta, onde colocou sua pistola num bolso interno. Com um óculos escuros escondeu os dois roxos em seus olhos e saiu de casa batendo a porta com violência.

Dentro de uma van preta, Hober tinha visão completa da rua e comércio. Com óculos amarelos de precisão, ele ajustou mais uma vez a luneta de seu rifle Springfield, ajustando a distância.

*“Nenhum sinal dos dois, general.”* disse o rádio.

O motorista da van, que usava binóculos, falou rápido:

“Alvo em movimento, subindo a rua.”

“Qual deles?” perguntou Hober.

“11. Sozinho.”

“Dê a volta na quadra. Reagrupem.” disse Hober ao rádio.

Chris saiu do apartamento número 201 sem nenhuma pista. Não havia nada lá, somente revistas de sacanagem, muito uísque e uma quantidade louca de cocaína para muitas pessoas farrearem o mês inteiro. Ele desceu a escada devagar. Deveria comer alguma coisa, mas sua mente não descansaria tão cedo enquanto não falasse com o doido, então ele ignorou tudo. Engoliu uma aspirina com um gole de sua vodka, de dentro de um frasco na jaqueta. *Esses caras nunca vão muito longe de suas drogas.* Ao sair do prédio, Miller, mesmo de óculos escuros, sentiu o sol da rua. Aquele calor seco já o enervava, e ele se sentiu cansado, muito cansado.

*Esqueçe essa merda e vá para casa.*

“Não vou deixar quatro anos para trás.” disse para a rua.

César Betancourt, ou mais conhecido como número 11, entrou no café a meia quadra de seu apartamento. Nervoso, comprou um sanduíche duplo e sentou-se ao lado da porta, olhando para todos os lados. Estava em abstinência, pois sabia que não podia voltar para o esconderijo. Conhecia os métodos da agência, e percebera as mínimas mudanças nas suas coisas. O último telefonema com os russos fora um fracasso total. Mordeu duas vezes no sanduíche, e enquanto mastigava olhava para a rua pela janela.

Miller entrou apressado dentro do café e sentou-se em sua frente. César encolheu-se, e como não tinha uma arma, sorrateiramente escorregou a pequena faca para o lado de sua perna.

“Olá.” disse Chris ajeitando seus óculos.

César sorriu. De maneira nenhuma aquele ali seria um agente. Tinha o visto em uma das reuniões frustradas dos ufólogos em um lapso seu de consciência. Ao menos tentara contar o que sabia (ele sabia que era praticamente impossível), pois tinha muitos esqueletos no armário. Servira apenas de piada para os paranóicos de plantão, mas ele ao menos tentara, e isso lhe bastava para dormir um pouco mais tranqüilo.

“Oh, sim. Você estava na porcaria da reunião.” disse o agente ainda mastigando olhando para rua, mas manteve a faca apertada ao lado da perna.

“Bando de malucos.” disse Chris acendendo um cigarro.

A mesma van passou novamente na rua e os olhos clínicos de César viram com facilidade uma placa manjada de outro estado. Ele engoliu tudo em uma só vez, e sentiu um suor frio correr por si.

“História interessante a sua.” perguntou Miller, tentando iniciar uma conversa.

“Você sabe, sou um homem morto. E os mortos falam merdas sem parar.”

“Você me parece muito vivo de onde eu estou.” retrucou Chris.

“O que você quer?”

“A verdade. Não a desinformação que você vem falando.”

“Você parece morto também. Pelo visto conheceu a agência.”

Miller tirou os óculos, abriu sua jaqueta exibindo a arma.

César não se impressionou.

“Sabe, eles mentem demais. E quando você já está lá operando, até os joelhos dentro da merda, a verdade finalmente aparece e você percebe que não tem mais volta. Nós não somos nada, cara. Essa é a sua merda de verdade.”

César pediu um cigarro e Chris passou um para ele.

“Existem apenas três operativos hoje em dia. Um na Europa, dois aqui nos estados. Antes eram cinco. *Eles* estão contra-atacando e estamos tomando merda direto na cara. Eu não acho que temos recursos para toda a porcaria.”

Miller apertava seus dentes, sem entender muita coisa.

César se aproximou e falou baixinho.

“O próximo passo é evidente. Vão usar a tecnologia como operativo. Eu não quero isso, não senhor. Pro inferno com o protocolo novo. Agente de campo, o cacete: esta mente é minha, e pronto!”

César voltou ao seu lugar, fumou seu cigarro. A janela em frente a eles estoura, e a cabeça de César cai na mesa, com um buraco vermelho onde era seu cérebro. As pessoas gritam, e o casal ao lado fica encharcado de sangue e massa encefálica, gritando e correndo do café.

Miller se agacha ao chão.

*“Agente 11 neutralizado”* disse o rádio.

“Faça o novo agente sair. Somente dano material!” gritou Hober.

Chris ouviu uma nova rajada de tiros, e os letreiros do café explodiram em milhares de pedaços. A maioria do pessoal já tinha saído correndo, mas ele se apoiava no chão do balcão das bebidas, de arma em punho.

“Merda!” gritou Miller.

Ele olhou mais uma vez ao agente morto. Se tudo o que ele disse era convenção era verdade, então era tudo uma loucura insana. Uma piada de extremo mau gosto. Sua mente gritava em fúria. Não haveria nada a fazer, e tudo que ele fizera até então iria para o lixo. Teria de fugir com o rabo entre as pernas, perdido e sem respostas.

Hober puxou e deslocou o cartucho vazio de seu rifle. Miller saiu correndo pelo café destruído, em direção à rua. Ele ajustou a luneta, e a cabeça de Chris estava no meio das setas.

“É melhor você ser bom mesmo, caipira.”

O general desviou um pouco à direita e disparou um tiro no ombro de Miller, que desabou ao chão e rolou dois metros, quebrando seus óculos e perdendo seu sapato direito no caminho.

Chris arrastou-se no chão. Via seu carro ali perto, mas a dor generalizada em todo o seu corpo não o deixava se mexer direito. Mesmo assim, ele foi se arrastando, cada vez mais perto de seu carro, que estava a quase cinqüenta metros. *A qualquer momento minha cabeça vai explodir.* Miller aos poucos percebeu então que não tinha mais forças. Parou a alguns metros de alcançar seu carro, onde iria acelerar até não haverem mais ruas asfaltadas, postes de eletricidade ou qualquer indicio de civilização. O sol incidia forte na lataria, e Miller estendeu sua mão direita numa tentativa de alcançar a porta. Sangue rolava de seu ombro, molhava seu peito e acumulava-se no chão. Uma sombra curvilínea começou a se pronunciar no solo, deslocando-se devagar pelo chão. Um cão ali perto agora latia para algo no céu. Chris parou de esticar-se e simplesmente largou sua pesada cabeça de novo naquele chão quente e malcheiroso. As pedrinhas machucavam sua bochecha direita e lhe esquentavam o rosto. Seu outro braço estava inutilizado, já não sentia nem mais as pontas de seus dedos. A sombra passou por ele e ele agradeceu pelo sol forte não atingir-lhe mais. Abriu um pouco seus olhos e notou que a região limítrofe entre sol e sombra tinha um contorno muito definido. Aquilo sem dúvida era estranho, mas o que realmente lhe incomodava era o cachorro latindo e ganindo em seus ouvidos. Outros cachorros da vizinhança entraram no coro e Chris mandou todos se calarem de uma forma bêbada e totalmente patética. Começou a rir dolorosamente.

Lembrou-se de Robert: *ninguém deveria morrer assim*.

O solo começou a tremer por toda a área em sua volta. O cão que estava a seu lado correu em um trote desesperado por sua vida. Partículas de poeira, sangue e óleo voavam para cima em uma gravidade inversa. Miller foi virando sua cabeça até o limite de seu pescoço, e foi então que viu a parte de baixo de um imenso disco pairando a poucas milhas no céu, aparentemente escondido nas nuvens. Entre ele e o impossível existia toda a poeira que subia de encontro a uma abertura branca na parte inferior da silenciosa nave em cima de sua cabeça.

Tentou gritar, mas ficara sem voz. Sentia o puxão de ar por baixo de seu corpo, e em pouco tempo começou a levitar como se um furacão o atingisse de baixo para cima. A poucos momentos de Chris finalmente perder os sentidos e a mais de vinte metros no ar, ele viu de perto a luz branco azulada que emanava da entrada do disco.

[8]

Fronteira com o México, Março 1969

Benjamim dirigia enquanto seu irmão John tirava um cochilo despreocupado no banco do carona. Eram as primeiras férias dos irmãos McKinney depois de terem entrado na faculdade. John cursava engenharia mecânica e Ben ainda não sabia se o curso de medicina fora uma escolha sensata. Nos últimos meses entediara-se até o limite do que ele entendia por saudável. Em sua cabeça, talvez a única coisa boa que tinha lhe acontecido era ter comprado um novíssimo Ford T-Bird para cruzar o deserto rumo ao pacífico com seu irmão.

Devido ao entusiasmo de seu irmão John, Ben comprara aquele carro (cor *laguna blue,* última moda) para também entender um pouco daquela paixão. John mudara-se e há dois anos estava morando em seu próprio apartamento deixando Ben com sua mãe, que envelhecia a passos largos. Os irmãos encontravam-se nos fins de semana, e nos últimos anos aproveitavam o tempo assistindo as corridas no autódromo da cidade. John revelara-se um ótimo piloto de corridas e tirara terceiro lugar em uma competição amadora. Trazia na mala do carro seu capacete e a esperança de ganhar algo no torneio de San Diego, última parada.

O deserto durante a viagem tornava-se algo espetacular. Não havia tradução boa o suficiente, mesmo a partir das fotos que eles tinham visto antes de começarem sua aventura. Os papos intermináveis de sua infância, que haviam se perdido nos estudos, namoradas e eventos sociais da família, voltaram como se tivessem dez anos de novo. Para Ben, o que antes fora o passar enjoado do tempo, agora se transformara em uma experiência de descobrimento a cada cidade perdida que eles passavam. O cheiro do deserto, do asfalto, do couro aquecendo-se ao sol, da cerveja e loções de bronzeamento ficaria para sempre na lembrança daquela viagem — além de seus novos chapéus de vaqueiros.

O carro já estava quase sem gasolina e a fome de Ben às quatro da tarde incomodava depois da última noite de festa. Ele esperou que passasse por um daqueles postos com restaurantes onde comeria uns bons ovos mexidos com o filé mais grosso que seu dinheiro pudesse comprar. John mexeu-se no assento, e tocou na aba da frente de seu chapéu, ajustando ao sol forte.

Ben colocou a seta para direita e foi procurando uma vaga no *Joe´s Gas and Dinner*. O restaurante era igual a quase todos os outros que eles tinham ido — um bar de cozinha aberta, com balcão largo para os desacompanhados e mesas colocadas perto das janelas para quem quisesse comer com mais pessoas ou a família. Os bancos eram muito confortáveis, convidando as pessoas para ficarem mais tempo. A chapa dos grelhados ficava à mostra, para os clientes ouvirem seus os bifes tostarem e os indecisos serem influenciados pelo cheiro de carne sendo feita na hora. Em cima do caixa, estava um quadro com os dizeres "*NUNCA venderemos fiado*" talhados em madeira.

John puxou mais um cigarro de sua carteira e o acendeu com uma caixa de fósforos com o nome do bar. Seu irmão comia feito um presidiário que acabara de ser solto das mãos do Estado.

“Como está a mãe?”

Ben parou um pouco sua batalha com os ovos e arroz, colocando um dedo em sua boca por um momento.

“Gostava mais quando a gente só se via nos almoços. A velha não dá descanso.”

John tragou seu cigarro e soltou uma baforada para o lado.

“Não esqueça que existe sempre o telefone. Juro que é umas duas ou três vezes por semana que tenho de dizer o que têm na geladeira ou como vai minha carreira. Nem sempre nesta ordem.”

John olhou um pouco pela janela e então soltou uma risada alta, fazendo Ben parar de comer e perguntar.

“O que foi?”

“Me lembrei uma vez que ela teve, como se diz mesmo? Um surto. A gente ia para uma corrida de cavalos e ela voltou sete vezes para ver se tínhamos desligado tudo que era elétrico. Sete vezes! Cara... inacreditável.”

Ben deu uma risada junto. No início os dois tinham achado aquilo mais uma maluquice de sua mãe, mas o que os seguintes anos comprovaram foi uma esclerose precoce que poderia tornar-se uma manifestação de Alzheimer. Ben já sabia disso há mais tempo, por causa da faculdade, mas não iria contar a seu irmão neste momento, e nem tão cedo se tudo desse certo. Apesar das loucuras, se sua mãe não lhe ligasse, John ligaria. E ambos sabiam muito bem disso.

Ben ficara sério, mas John continuou sua risada.

“Você, Ben, futuro médico da família, também teve suas parcelas de loucuras. Ou você acha que eu esqueci o que você estava fazendo com a nova empregadinha na biblioteca?”

“Isso foi a um tempão atrás” desconversou Ben, que agora apertava seu bife com o garfo sem o menor entusiasmo.

“Ora, o que foi? Vamos lá, diga-me algo maluco que eu tenha feito.”

Ben olhava agora para a janela agora como se o inverno tivesse chegado e lá fora tudo estivesse cinzento e chuvoso. Algo subiu do estomago de Benjamim e fez um nó em sua garganta. O jovem engoliu demoradamente o que estava comendo, junto com um longo suspiro.

“O que foi?” perguntou John, a seu irmão um tanto desconfiado, cuja expressão ficou muito séria e triste rapidamente.

O irmão mais novo nem tentou segurar, pois aquilo lhe estava engasgado em sua garganta muito tempo e nem cinco anos de terapia conseguiram diminuir a intensidade do que ele presenciara. Começou a falar, em princípio em uma voz calculada, mas conforme as lembranças viam com as associações, ele falava cada vez mais rápido. John só pode cruzar seus braços e ouvir o relato nervoso de seu irmão sobre a vez que ele quase o matou com uma face de completa estupefação.

Uma coisa que John sabia era que Ben não era de mentir ou de perder tempo com coisas sem sentido, por isso todo o relato arrebatou-lhe como um caminhão sem freio na lomba. O outro rapaz ajustou-se no banco que agora se tornara um pouco desconfortável.

“Nunca te falei nada disso, pois tinha medo que você tornasse a fazer aquelas coisas de novo. Comecei a ler todos aqueles livros e parar de freqüentar a piscina. Por anos tive medo de você, John. Lembro-me de não ter dormido direito por duas semanas. Me senti sozinho no inferno daquela casa, e não podia confiar em ninguém. Finalmente me entreguei ao colégio e para alegria de mamãe e de meus professores tornei-me o maior CDF do mundo.”

Os olhos injetados de emoção de Ben mostravam que aquele evento ainda lhe trazia muita dor, e John sentiu-se culpado, totalmente sem ação, pois nada sabia daquele acontecido.

“Eu nunca poderia ter feito isso, Benji... Nunca.”

“Está bem cara. Isso foi há um milhão de anos atrás.”

Ben colocou suas mãos no rosto, escondendo uma ligeira tremedeira em seus dedos. Depois de anos de terapia, a única certeza que ele tinha era de que escapara da morte por muito pouco, e que a crueldade daqueles olhos na penumbra da luz da lua não eram de seu irmão. Não poderiam ser. Precisava acreditar nisso com todas as suas forças. Após todo aquele tempo, aceitar este fato era a única maneira de poder continuar a conviver com John, que era tudo o que ele conhecia por família.

\*\*

Chris levantou da cama sentindo tonturas.

A cama onde estava era muito rústica, e as paredes do quarto eram de um amarelo decadente levantando bolhas pretas nos cantos. No teto, um ventilador vagarosamente tentava diminuir a temperatura, afinal, estava tão quente que o rosto de Miller estava completamente molhado de suor. Instintivamente procurou sua arma no lugar habitual, e encontrou-a debaixo do travesseiro. Via uma fraca luz amarela da rua pelas persianas da janela e pela fresta da porta entreaberta do banheiro. Com muita desorientação, foi lentamente se levantando da cama apontando a arma para o vão que levava à entrada do quarto. Andou de costas até a janela, e com o cano da arma baixou algumas aletas na persiana. Viu uma rua deserta, feita de paralelepípedos. Carros antigos estavam estacionados aqui e acolá; e uma charrete passou lerdamente por ali.

“Mas que porcaria...” disse ele estupefato.

Chris venceu sua tontura inicial e foi até o banheiro. Viu seu rosto e cabelos totalmente molhados. Ao passar os olhos no espelho, viu uma cicatriz do tamanho de seu dedão no ombro esquerdo. Com a arma em punho, encostou o metal frio em sua testa, fechando seus olhos e concentrando-se.

Miller aproximou-se do espelho e olhou seu rosto atentamente. Tinha algumas olheiras maiores que o usual. Passou a mão por seus cabelos, e tocou na cicatriz em seu ombro. Mexeu o braço que antes estava inutilizado e notou que estava perfeitamente curado. Como por reflexo, levou sua mão até o pescoço e sentiu na parte detrás de sua nuca uma saliência, como se houvesse algo inchado por ali.

*Como vim parar aqui?*

Um sinal forte como um alarme de carro tocou uma vez. Muito desconfiado, Miller voltou-se para o quarto. Mais um toque. Chris empunhou sua arma e foi se esgueirando olhando sempre para todos os lados. Notou que sua roupa estava espalhada na cadeira à frente. Outro toque. Era estranho, mas Chris podia jurar que aquele som ecoava em sua cabeça.

“Que merda é essa agora?”

A atenção de Miller agora se voltava a algumas cores que piscavam de dentro de seu casaco pendurado a um cabide, perto do pequeno rádio mexicano em cima da mesinha. Chris foi até a cadeira, vestiu seu short branco e aproximou-se do cabide com uma expressão séria. Outro toque, agora mais claro. Notou o volume dentro do bolso do casaco. Bateu com sua arma no que lhe parecia ser uma pequena bola de beisebol, mas que era dura como uma granada. Sem pensar muito, tirou aquilo de lá. Coube perfeitamente em sua mão, e quando o alarme tocou novamente, a coisa abriu-se de dentro para fora, revelando um mostrador digital e uma seta que apontava para a janela. Aquele metal era de um polimento muito perfeito, e as peças eram de uma precisão tal que qualquer um notaria que aquilo não fora deixado por acaso dentro do bolso de seu casaco.

*"Doze minutos",* disse uma voz por todos os lados.

Miller assustou-se e voltou sua arma para a porta. Olhou desconfiado para o rádio na mesinha à frente, mas não tinha volume e não parecia estar conectado à tomada. Viu mais uma vez o orbe em sua mão e notou que existia um contador ali informando onze minutos e quarenta e sete segundos. Rapidamente colocou sua camisa, mantendo a coisa sob suas vistas. Conforme caminhava com aquilo em sua mão, notou que a seta dentro dele girava sempre apontando para um mesmo local. Antes de abrir a porta para sair do quarto, achou um jornal local largado sobre a mesinha com um pequeno abajur. Pegou o jornal e com um dedo trêmulo tentou ler a primeira página.

“D-Dez de... Março!”

Aparentemente, tinha ficado um mês dormindo naquele lugar. O orbe tremeu em sua mão. Já tinha menos de dez minutos, segundo a leitura no estranho objeto. Abriu a porta com velocidade e correu pelo corredor, alcançando a escada. Ao chegar ao térreo do hotel, um zelador dormia descansado em sua cadeira enquanto o radinho tocava uma musica típica de fronteira. Um dia já soubera um pouco de espanhol, e tentou falar uma coisa tocando com urgência no ombro do homem que fedia a cigarro.

*“Ola....”*

O homem assustou-se e ajustou-se na cadeira.

*“Perdón, estaba a dormir...”*

*“No problemo.. Donde esta..”*

Tinha se esquecido de como se falava a palavra certa e então fez a mímica com as duas mãos girando um volante invisível. Com agilidade, o porteiro lhe jogou seu conhecido molho de chaves e fez um sinal que tinha de ir pela porta de trás. O objeto emitiu mais um toque, e Miller o escondeu em sua calça. O porteiro já mexia em seu radinho e sintonizava em outra rádio.

Chris abriu a porta do estacionamento e viu seu *Bel Air*. Entrou no carro, passou a mão pelo guidão sentindo novamente o cheiro característico de seu carro. Largou com certa apreensão o orbe em cima do painel.

“Isso aqui parece... Uma droga de... *bússola*?”

Entre dialogar mais um pouco com o porteiro verificando como ele sabia seu nome e seguir para onde aquela seta apontava, decidiu pelo o último. O motor ligou como se ainda estivesse aquecido, porém Chris não sabia que ele mesmo tinha usado o carro no dia anterior.

Pelas escuras e mal iluminadas ruas do México, Chris seguiu a seta, que nem sempre correspondia com as curvas e retas das quadras. Notou que a cor da seta saía do branco para tornar-se de um verde claro, e logo após começar a piscar. Por dois quarteirões, a freqüência com que a seta piscava aumentava e agora ele via movimentação na rua, com alguns bares e pessoas dentro de seus carros fumando cigarros e dividindo garrafas de bebidas. Naquele local, a seta parou de piscar e o orbe fechou-se se tornando novamente uma bola de aço. Chris imediatamente encostou o carro na calçada e ficou segurando o objeto em suas mãos, sentindo seu peso leve. Por fim, o devolveu ao painel e deixou seu corpo recostar-se no banco.

Dor; rápida como o espetar de uma agulha, entrava por seu pescoço e invadia todos os poros da sua pele. Quis gritar por ajuda, mas sua língua estava mole e fofa, como se tivesse bebido por horas. Em momentos, a dor lhe foi sumindo, mas notou que estava completamente paralisado, conseguindo mover somente seus olhos em pânico.Um homem loiro, vestindo um terno bege e um chapéu de vaqueiro branco o olhava pela janela do outro lado do carro. Com um gesto tranquilo, abriu a porta e sentou-se ao lado de Chris. Após alguns instantes de puro horror para Chris, o homem falou com um sotaque que lhe parecia de algum país sul-americano.

“Isto é para seu próprio bem, Sr. Miller.”

Miller viu o sorriso maroto daquele moço que já conduzia um cigarro à sua boca pelo canto de seu olho. Tentou falar alguma coisa, mas a única coisa que fez foi tremer sua boca e babar um pouco, molhando sua camisa.

“Se você não chamar atenção, poderemos conversar. Saiba que posso deixá-lo aqui, desta maneira, por muito tempo, mas infelizmente tempo é uma coisa da qual não disponho.”

Não esperando alguma resposta, o homem estranho puxou um lenço e limpou a boca de Chris que salivava bastante.

“Me chame de Frank.”

Miller sentiu um formigamento passando-lhe por seu pescoço e então pode mexer sua língua novamente. Virou lentamente seu rosto e em um pânico contido conseguiu dizer, tremendo seu lábio inferior de forma quase espasmódica.

“O quê está acontecendo comigo?”

Os músculos nos braços de Chris gritaram em fúria, mas nada aconteceu. O jovem continuou a fumar, mas com o dedo em riste falou de uma maneira enigmática.

“Sabe, a verdade sempre esteve ao seu alcance; esteve diretamente em sua cara, da mesma maneira que estou conversando aqui com você.”

O estranho homem tragou mais um pouco, girando seu pescoço e mostrando-lhe a parte detrás da cabeça com uma pequena cicatriz logo abaixo dos cabelos da nuca.

“Isto se chama *desígnio*. Através disto podemos controlar qualquer um a uma distância segura.”

O homem de terno então apagou seu cigarro no painel, mudando de posição, ficando encostado com suas costas à porta do passageiro sentando-se de pernas cruzadas no banco. Sua expressão marota sumiu vagarosamente deixando lugar a uma face muito séria. Miller pensou automaticamente que estava a frente de algum caso de loucura aguda.

*Em breve este lunático vai acabar me mostrando o colar que fez com os dentes de sua mãe.*

Frank então falou pausadamente.

“Embora você agora não acredite em mim, eu estou de seu lado. Vamos dizer que nós somos a inteligência (seu dedo indicava o teto do carro) e gostaria de acreditar que você possa ser nosso agente em campo.”

Frank fumou mais um pouco e ficou pensativo.

“Existem coisas terríveis, muito miseráveis às quais venho perseguindo por... muito mais tempo que eu poderia imaginar. A conversa que estamos tendo aqui hoje, eu já fiz centenas de vezes, em mundos melhores ou piores que este.”

“Mundos? Ora rapaz, o que está falando?”

“Você já esqueceu ou quer muito esquecer?”

Frank pendeu sua cabeça um pouco para a esquerda, e o sorriso maroto voltava ao canto de sua boca que mordia seu cigarro. Naquele instante memórias voltaram novamente como a ânsia de um mal-estar.

*Um disco pairando sobre ele, fazendo-o levitar.*

“Considere-se um dos poucos humanos que sabem de nossa existência. Seu amigo Hober é número 17. Tudo aquilo foi, digamos, a sua entrevista. Mas você viu um *Anthratti*, o que não é coisa ordinária; nem todos passam por isso. Um novo protocolo foi criado especialmente para você.”

O silêncio tornou-se pesado entre os dois. Em frente ao carro, um jovem com uma garrafa de uísque na mão dá um tapa no rosto de uma mulher. Ela chora, com seus cabelos caindo ao rosto, segurando a bochecha e observando o outro ir embora num misto de pesar e frustração.

Frank assente com sua cabeça ao ver aquilo.

*“O desígnio revela-se quase sempre com morte.”*

Chris tremeu por todo seu corpo.

“Me deixe ir embora... e leve esta... porcaria com você.”

*“Mundos como o seu são o terreno de possibilidades.”*

“Voltarei para casa e morrerei recluso e em sigilo absoluto. Você têm minha palavra.”

*“Muitos mundos. Muitos desígnios.”*

“Droga, você não está ouvindo o que estou lhe dizendo!”

O homem que estava em sua frente (um dia fora um filho de fazendeiro antes da primeira guerra mundial) tragou profundamente e proferiu as palavras entre os dentes.

“Eles alugam os corpos Chris. Milhares deles. Oferecem a facínoras que tem dinheiro e o estômago de os usarem. Você compreende tal crime?”

Frank aproximou-se de Chris mais um pouco falando agora como num sussurro indignado.

“Cobram pelo minuto. Imagine o que se pode fazer com um minuto dentro de um corpo designado. Tudo o que você quiser, sem nenhum limite.”

Miller engoliu em seco.

“Tudo feito à distância; o perfeito crime virtual. E eles vem fazendo isso a muito, muito tempo; e é claro, somente em mundos atrasados como o seu.”

Chris sentiu seu corpo voltar a si, e pode mover-se no assento. Mexeu suas mãos e os dedos dos pés. Sentiu-se tonto e algo se embrulhava em seu estômago. Rapidamente deu uma ré em seu carro e saiu dali, impelindo grande velocidade. Frank nada dissera, apenas voltara ao seu assento fumando seu cigarro de forma indiferente. Miller parou o carro perto de uma árvore, desceu e pôs para fora tudo o que tinha no estômago. Quando achou que tudo tinha acabado, sentiu outra golfada vindo e sujou a calçada novamente junto com a ponta de seu sapato.

Tocou sua nuca, e o calombo estava lá.

*A coisa infernal está em minha cabeça!*

Miller voltou a sentar-se em seu carro, fechando a porta em um estrondo. Não olhou para o lado, onde viu pela fumaça no pára-brisa que o homem de terno já começava outro cigarro.

“Você não está realmente aqui... está lá (apontou para o teto do carro) são e salvo... não é isso?” disse Miller com desdém.

“Você precisa saber o que realmente está acontecendo. Cometendo suas depravações virtuais nos corpos encomendados, com todos os tipos de crimes possíveis listados em todos os livros da lei, eventualmente os criminosos atingiram o clímax de todas as experiências possíveis usando o corpo de outra pessoa. Em um dos muitos assassinatos cometidos, a vítima conseguiu revidar e suceder em matar aquele que o agredia. O criminoso conectado pode então pode ver a vida de seu desígnio passar por seus olhos, sentir todas as memórias e emoções que uma pessoa tem durante toda uma vida em um curtíssimo espaço de tempo — algo tão poderoso e lúcido que nenhuma droga em todo o universo chegaria aos pés.”

Frank olhou para Chris, que apertava-se todo na cadeira.

“A notícia espalhou-se rápido. Vieram os malditos colecionadores, e eles tinham milhares de vidas a escolher. Vidas como as das pessoas que você conhecia. Agradeça por estarmos aqui ajudando vocês, *homo sapiens* ainda delirando em cima de seus próprios umbigos ‘sozinhos no universo’. Enquanto temos esta conversa, outro crime foi cometido.”

O silêncio entre os dois durou alguns momentos. Chris, ainda com o gosto ácido em sua boca, deu-se conta de que não adiantava resistir. Entrara no jogo como uma peça, não como estrategista.

“Posso ler você e digo que está errado. Você continua vivo, pois nunca desistiu, em nenhum momento, de saber o que tinha acontecido. Responsabilidade requer coragem, a única maneira que conheço de justiça. Hober estava certo, ao menos esta vez.”

Depois de algum tempo, Frank continuou.

“Esta é a verdade que você estava procurando. Estou tentando lhe dizer que é possível pegar os filhos da puta. Já capturamos muitos e tenho certeza que você desempenhará o *seu* desígnio.”

Miller fechou seus olhos e segurava sua cabeça com ambas as mãos. Dentro de si alguma engenhoca deveria estar funcionando, remexendo dentro de seu cérebro, e isto lhe trazia calafrios.

“Como f-faremos?”

Frank tirou do bolso de seu paletó um fino colar negro com uma presilha diferente, algo que lhe pareceu um cristal incrustado no centro.

“Este é um *Jenntu*. Através dele, a transmissão pode ser copiada para nós e nos revelará a localização exata da embarcação onde o sinal pirata está sendo enviado e a assinatura digital do transgressor. Com isso, poderemos iniciar a captura e processar os envolvidos. A tecnologia deles precisa estar ao menos a dez milhas próxima de quem envia. Por isso quando um tipo de radiação se manifesta podemos saber com certeza que num raio desta mesma distância algum crime deve estar sendo cometido.”

Chris falou em um tom de quase ironia.

“É preciso colocar isto no pescoço do individuo, tempo suficiente enquanto vocês vasculham por eles no céu?”

“Exatamente. Note como a fita aumenta quando você puxa.”

Chris puxou aquele estranho material e depois o soltou, ficando com ele muito apertado em sua mão. Frank então apertou o cristal naquele visor e o cordão se expandiu voltando à forma original.

“Tem sido feito desta maneira desde sempre. O colecionador não pode ver a coleira, senão ele não hesitará em cortar a conexão.”

Miller colocou aquele artefato em seu bolso e olhava fixamente para frente. Frank o observava com cautela.

“Amanhã entraremos em contato.”

O homem de terno manejou o orbe e o entregou.

“Alertaremos qualquer atividade nesta área. Siga a seta.”

Chris aproximou-se de Frank e em um movimento rápido abriu a porta com violência.

“Cai fora da merda do meu carro.”

Frank nada disse. Levantou-se e caminhou para a escuridão da mata que existia ali perto. Miller virou seu rosto na outra direção quando uma forte luz branca apareceu em seu espelho retrovisor levando o homem de terno de volta.

\*\*\*

Era de manhã. Pelos desenhos na televisão, quase onze horas. Enquanto John saía do banheiro com a toalha molhada enrolada em sua cintura, Ben segurava o capacete de corrida dele, sentindo de longe o cheiro que vinha de seu interior.

“Você vai competir com o meu carro então?”

“Essa é a ideia. Talvez o devolva com rodas, prometo.”

Benjamin torceu o rosto numa careta de desaprovação.

\*

Miller acordou logo de uma noite sem sonhos. Desceu as escadas devagar e calmamente. No térreo do prédio, enquanto pagava suas diárias conversou um pouco com o porteiro daquele hotel de quinta categoria em seu fraco espanhol, o que fez Nuñez dar algumas risadas. Do outro lado da rua existia uma pequena padaria e Chris foi até lá. Sentou-se na primeira cadeira que viu e pediu o que lhe pareceu o mais próximo de um *breakfast* na fronteira. Ao seu lado estavam velhos vaqueiros de pele queimada e olhos que já foram um dia mais escuros pelos milhares de sóis de suas vidas. Falavam naquele tom calmo, como de quem não tinha nada a esperar mais e sim aproveitar o porvir. Enquanto comia uma rosquinha, percebeu que apreciava aquela simplicidade do lugar, de como tudo aquilo era previsível; e de que aquilo era muito bom. Porém tudo que via ao seu redor nunca seria parte da sua vida. Existia algo esquisito em seu bolso e outra coisa dentro de sua cabeça que não o deixavam esquecer. Abriu a porta do carro com uma pequena sacola cheia de rosquinhas e pôs uma xícara de papel com café quente em cima do painel. Colocou o orbe no assento do carona e deu uma mordida no biscoito em sua mão. Dentro do porta luvas estava a estranha coleira.

\*

John conduzia o T-Bird a uns desconfortáveis 160 quilômetros por hora, fazendo seu irmão de vez em quando agarrar-se no suporte da porta. Por fim, Ben interrompeu o silêncio daquela manhã e puxou um assunto, falando um tanto desconfortável.

“Ei, não estamos bem perto da fronteira?”

“Sim. É possível ver os caras pulando a cerca.”

Apesar de saber que seu irmão era muito bom na direção, sempre havia uma pontinha de desconfiança, aquela sempre existente borda de precipício em sua mente onde ele evitava olhar e que fingia não existir. Enquanto isso, seu coração apertava e diminuía por dentro, com medo de qualquer momento seu mundo cair por terra. Ultimamente, a imagem que relembrara de seu irmão segurando-o pelo pescoço e a sensação de quase perder os sentidos lhe vinha com uma freqüência insuportável.

*Não devia ter tirado aquelas coisas do baú*.

E foi seguindo este pensamento com suas mãos furiosamente apertadas uma na outra que Ben viu John colocar uma mão em sua têmpora direita, torcendo seu nariz que gotejou um pouco de sangue, quase fechando seus olhos em um gemido de dor.

\*

Miller estava assinando os documentos para atravessar a fronteira. Dois policiais inspecionavam seu carro.

“Teve uma boa estadia, Sr. Miller?”

“Sim, obrigado.” disse Chris devolvendo a papelada.

“*Señor*? Acho que o seu... relógio... está tocando?”

O sorriso que instantes atrás começava a ensaiar na boca de Miller apertou-se junto com o frio na espinha. Deslocou-se rapidamente, sem ver os dois policiais que o olhavam apreensivamente. Miller bateu fortemente a porta do carro e saiu acelerando quase acertando na madeira com tarja amarela e preta que se elevava abrindo o caminho para América. Naquele trecho, soltou poeira e pedras fazendo um barulho de trem desgovernado. O orbe no painel apontava para oeste e estava escrito o número 7 logo abaixo. Chris endireitou o veículo para a rua principal num solavanco tal que jogou o orbe para o canto dos pés do caroneiro, e com sua mão direita tateou pela esfera.

*Sete milhas. Possível conexão eminente.*

Com o orbe de volta em mãos, Miller colocou-o de volta ao painel. Apertou o cinto de segurança, tirou sua arma do coldre e a colocou no banco do carona. Pisou no acelerador até sentir o assoalho com seu sapato enquanto segurava o volante com as duas mãos. Tinha uma expressão de quem corria com o diabo em seu retrovisor. Os doces rolavam do assento do carona para o chão indiferentemente.

Chris gritava loucamente.

“Ninguém vai morrer hoje!”

Os pneus guinchavam a cada troca de marcha junto com um sonoro palavrão. Miller contornava as curvas com todo seu corpo sentindo seu estômago deslocar-se de uma maneira líquida e pastosa.

*"Seis milhas; possível conexão eminente"* repetiu aquela voz que agora Miller não sabia se saia de sua cabeça ou da coisa em cima do painel.

\*

Em princípio, negando o que estava acontecendo, Ben não olhou para John, que tinha sua mão esquerda ao lado de sua cabeça e outra no volante enquanto gritava de dor. O jovem se manteve atento à sua frente, pois a velocidade era algo que no momento classificava como prioridade. Seus dentes estavam apertados e os pés fincados no assoalho como se pudessem frear o que estava acontecendo. Dentro de sua cabeça, uma pedra caía dentro daquele poço que estivera com suas águas paradas por muito tempo, provocando ondas de frio que afloravam em sua pele em pequenos caroços.

“Pára o carro, John. Olhe a estrada *pelo-amor-de-deus*...”

Tirando um pouco o pé do acelerador, o outro urrou incrédulo.

*“O que tá acontecendo... Que merda é essa! Dói muito...”*

O carro agora tombava desgovernado de um lado para o outro, e Ben viu que outras pessoas corriam perigo em frente.

*“Esquerda! Vira p-pra esquerda cara, agora!”*

Um casal desatento que estava em um quiosque comprando santinhos de estrada conseguiu escapar da morte por muito pouco. O *ThunderBird* levantou terra e poeira, destruindo metade da vendinha que existia ali, levando as estatuetinhas ao chão e outras voando por cima do capô trincando o pára-brisa, enquanto o vendedor amaldiçoava eles até sua terceira geração.

Os irmãos agora lutavam pela direção do carro em uma gritaria que Ben sufocaria de sua garganta anos mais tarde ao acordar de seus sonhos. Sua mente jogava toda aquela loucura o mais fundo que pudesse, pois precisava ter o controle do carro imediatamente. Podia ver pela tremedeira em todo o corpo de Jonh que logo o que ele temia iria iniciar-se; mas desta vez estavam em um carro desgovernado.

\*

Miller não se lembrava quando teria dirigido daquela maneira. Carros na outra faixa lhe passavam segurando suas buzinas, irritando-o completamente.

“Saiam da merda da rua!”

E então algo que guardava em baixo de seu banco literalmente iluminou sua mente. Baixando um pouco a velocidade, levou sua mão esquerda onde estava uma pequena lâmpada azul. Sorrindo, abriu seu vidro e ajustou a lâmpada no teto do carro, ligando-o tal como um carro de polícia. *Agora sim, tudo se encaixa* pensou apertando o botão do pisca alerta. Imediatamente as pessoas começaram a abrir espaço e Chris bateu o pé do acelerador novamente até o chão.

“Mostrem respeito ao homem da...”

*"Conexão iniciada!"* exclamou a voz do orbe em urgência.

Chris mantinha sua velocidade dirigindo no centro da estrada com a faixa amarela dividindo seu *Bel Air* ao meio. Miller seguia agora pela avenida em puro instinto, mas não sabia o que iria encontrar. Pensou em Robert indo direto no muro e sua cabeça rompendo como um melão caído de algum prédio, literalmente explodido pela calçada

*(Milhares de vidas a escolher, lembre-se disso Chris)*

e ele no bar, já pegando sua dose e a virando naquele movimento conhecido de pescoço.

“Parem de... foder com minha mente!”

Engatou a última marcha do carro. Dirigia com seus olhos vermelhos e sentia o ódio fluir pelo suor de seu rosto e a necessidade de vingança urrando por sua garganta. Convivera com aquela intensidade de sentimentos por muito tempo, e tal como Frank dissera, aquilo perdurara por muito mais tempo que podia suportar. Foi então naquele mesmo instante que percebeu a poeira e a confusão que rodeava um pequeno grupo de pessoas que estava em um quiosquezinho em sua frente. Pisou forte no freio abrindo o vidro do passageiro, onde um senhor de idade estava a gesticular com seu chapéu lhe indicando para seguir pelo mesmo caminho e procurar um T-Bird azul.

\*

A face mudara, do mesmo jeito de outrora; mas agora tornara-se algo muito mais assustador, mesmo sob à luz infernal daquela manhã. Parecia John, mas não o era; quase tudo lhe dizia ser outra coisa, mas os olhos ainda eram de seu irmão e eram neles que Ben tentava manter o resto de sua lucidez que vacilava. Espasmos corriam pelas mãos dele, da mesma maneira que em suas aulas de laboratório cortara a cabeça de uma rã com o bisturi e o anfíbio continuava a se debater mesmo depois de sua morte. Por momentos que lhe pareceram eternos, Benjamim não respirou. Seu coração torcia em seu peito e em algum lugar dentro de sua cabeça que resistia mais próximo à realidade dizia-lhe para ainda não largar o pouco do volante que ele segurava junto com o que ele passou a chamar de ‘a coisa’.

Tudo estava naquela velocidade lenta do que nunca é esquecido. Aquele que fora John alguns minutos antes, estava agora com seus olhos fechados e naqueles momentos cruciais Ben conseguiu o controle da direção, voltando a respirar em uma grande golfada um tanto asmática. O rapaz corrigiu a direção do carro dando uma guinada forte para a direita impedindo uma colisão direta com uma carreta de bois. O carro balançou forte em sua suspensão e quando Ben voltou seus olhos para John, uma mão crescia em seu nariz, acertando-o em cheio e fazendo um barulho terrível em sua cabeça. A coisa balançava negativamente sua cabeça. Olhou para seus pés e pisou com mais força no direito. Ben nunca iria saber, mas a entidade que estava ali já tinha passado por mais de cinqüenta corpos, e não era realmente a primeira vez que dirigia um carro naquele mundo.O ferimento em seu rosto rompeu o véu de silêncio e o fez conseguir gritar alguma coisa entre a súplica e a completa loucura.

“John, oh, John... Meu Deus!”

A total indiferença da monstruosidade fez com que o jovem entrasse em prantos; rápidos e angustiados como uma criança acuada por um animal de rua. Sua camisa amarela ia ficando com uma linha rubra descendo a gola. *Não vou conseguir pegar a direção de novo* pensou cada vez mais prensado contra a porta do carro em desespero recebendo murros da coisa ao seu lado.

Um largo e velho sedan marrom dava passagem com duas meninas que estavam brincando de bater palmas no banco de trás. Ben virou-se a eles e gesticulava com suas mãos riscando um vermelho vivo no vidro para o motorista se afastar. Ao verem a ruína sanguinolenta da face de Ben, os gritos agudos infantis das crianças romperam por toda a estrada levando o velho motorista a jogar seu carro para o acostamento. Com as mãos brancas e sardentas aos ouvidos do motorista, o rosto retorcido fez com que o intelecto médico de Benjamim registrasse como um princípio de enfarto. A *coisa-John* ergueu um sorriso maroto de quem está no controle enquanto Ben juntava seu grito junto aos outros. Pisando mais forte ainda no acelerador, o monstro falou algo naquela língua absurda.

*<Cale sua boca, inferior.>*

Pela grande velocidade deles, a gritaria fora deixada para trás da mesma maneira que um rádio é puxado de uma tomada e Ben encarava a avenida em frente sentindo o sangue verter de seu rosto, sujando o painel, seus braços e calça. O motor do carro rugia e pela velocidade com que os arbustos da paisagem passavam, eles estavam a mais de cento e sessenta por hora. Por segundos, ele achou que estava tudo perdido e que iram bater de frente no primeiro carro que passasse do outro lado.

Ben notou uma buzina bem ao fundo, e que devia estar a um bom tempo atrás deles. Virou-se de supetão e viu quase quinhentos metros naquela enorme reta uma lâmpada azul de polícia grudada no teto de um carro vermelho que ficava cada vez mais perto, passando pelo sedan marrom que emborcava completamente no acostamento. O jovem virou-se novamente para John, que abria e fechava rapidamente sua boca em uma espécie de tique nervoso. O monstro falou mais uma vez, como se estivesse comentando sobre o tempo com um dedo em riste para ele.

*<Não se intrometa.>*

E então a coisa passou a ignorá-lo. Benjamim rapidamente colocou seu cinto de segurança cuidando o carro vermelho no espelho retrovisor do seu lado do carro. Mesmo sabendo que não seria compreendido, Ben falou para a coisa, cuspindo um pouco de sangue e assustando-se com sua própria voz.

“As coisas irão mudar agora, verme do inferno.”

Miller alcançou finalmente o *ThunderBird*, que já estava na pista contrária a algum tempo. Emparelhou ao lado e viu a mais ou menos três palmos próximos de si um jovem olhando-o com seu vidro ensangüentado e rosto com um corte vermelho vivo no nariz. Havia pânico sim, mas tinha uma firmeza determinada na face. Naqueles segundos, Chris entendeu tudo o que precisava: aquele moço estava na hora errada e no local errado; e o outro guiando era quem subitamente estava com uma vontade danada de sofrer um acidente fatal. O jovem ao seu lado levou sua mão direita ao cinto de segurança e fechou-a no meio de seu peito mostrando que estava bem apertado. Os dois concordaram afirmativamente com cabeça ao mesmo tempo, em um entendimento instantâneo. Miller pisou ainda mais fundo no acelerador e virou toda a direção à esquerda, acertando em cheio o eixo das rodas da frente. Todos foram direto para o acostamento, evitando o próximo poste que seria fatal.

John, que na verdade agora estava preso dentro de sua própria cabeça, observava pela janela de seus olhos o pequeno barranco aproximando-se em frente. Viu os vidros laterais quebrarem e o barulho das rodas girando livres no ar, enquanto o motor subia para uma rotação absurda. De sua garganta surgiu um grito e então viu o painel crescer diretamente em seu rosto. Sua visão ficou em uma escuridão avermelhada pelo sol que atravessava a pele de suas pálpebras. Sentia dor. Parecia ter ainda seus sentidos, mas de forma difusa. Ouviu a suspensão do carro dar sua última chiada, e os cacos de vidro do pára-brisa deslizarem pelo seu peito até encontrarem seus pés.

O carro vermelho também fez uma aterrissagem forçada passando ao lado, quase virando de banda. Miller bateu com seu peito na direção, e o ar lhe faltou perigosamente. Após um chacoalhar tremendo, seu *Bel Air* parou de balançar. Tateou por sua arma no banco do carona, mas nada achou. No mesmo momento, uma chiadeira vinha de sua garganta, e ele achou que seus olhos iriam explodir nas órbitas de tão esbugalhados. Estava com sérios problemas!

Ben conseguiu escapar quase ileso do acidente, mas alguns pedaços de vidro lhe feriram um pouco os braços. Desvencilhou-se do cinto de segurança observando que seu irmão estava com um ferimento na testa segurando sua cabeça com as duas mãos, gemendo coisas sem sentido. Sem mais rodeios, abriu a porta. Precisava desesperadamente de ajuda, e já não sabia o quanto mais iria suportar sozinho ver John daquele jeito. Ao abrir a porta, observou o outro veículo a poucos metros em sua frente, onde um homem parecia não conseguir respirar. Caminhou até lá, com as pernas bambas e tropeçando em algumas pedras que estavam no chão.

Miller ouviu passos em sua direção. Seu coração lhe batia forte no ouvido. Seu cinto estava emperrado e ele sem forças. Por fim a voz fraca e assustada do moço lhe veio pedindo ajuda.

*“Por favor senhor, me ajude!”*

Chris nada disse, mas pediu para ele chegar mais perto de seu ouvido. Com o pouco de respiração que lhe sobrava, conseguiu falar.

“Meu... cinto...”

O jovem então contornou o carro, entrando pelo lugar do carona. Com certa facilidade, apertou com força o botão emperrado e o cinto soltou-se. Ar entrava novamente pela bocarra escancarada do homem, e ele golfou duas vezes.

Ben falou aflito chacoalhando Miller pelo terno.

*“Eu preciso que o senhor veja meu irmão! Ele... não está... bem.”*

Chris olhava para o jovem ainda segurando seu peito que arfava, então falou quase lhe faltando ar.

“Sou polícia. Me alcance aquela pistola ali do chão, garoto.”

O jovem o olhou incrédulo e seguiu o dedo do policial até onde estavam seus pés. Ali, encostada contra a porta, estava a pistola. Benjamim pegou-a de qualquer maneira não querendo contrariar a única pessoa ali entre ele e a loucura que deixara no carro.

Benjamim voltou a falar, em um ritmo frenético.

“Você precisa e-entender que meu irmão está um t-tanto...” palavras lhe faltaram junto com aquela gagueira súbita e ele ficou com um ar de idiota, “*...fora de si*.”

Miller ouvia o moço e cuidava com seus olhos o outro que já estava levantando de seu lugar, procurando a fenda que abriria a porta. Lentamente conferiu sua arma, ainda um pouco ofegante. Tocou em algo em seu bolso com um apertão e voltou seu rosto ao jovem que parecia ter vindo de alguma guerra.

“Ouça isso rapaz. Eu sei o que está acontecendo, mas não temos tempo para perguntas.”

Chris abriu a porta do carro e apontou sua arma para o outro, que já vinha cambaleando na direção deles.

“Você aí! Volte para seu carro e coloque as mãos na cabeça!”

*A conexão, não posso perder a conexão; ele precisa achar que vou matá-lo,* pensou Miller enquanto ajeitava sua mira e tentava respirar com menos dificuldade.

E naquele momento Chris então soube o que fazer.

Atirou ao lado do rapaz, furando o único pneu que ainda não tinha ainda estourado, fazendo um barulho alto que ecoou pela estrada.

“Não atira nele, ele não fez nada!” protestou Ben.

“Volte para dentro garoto, estou lhe avisando!”

De algum lugar a dez milhas dali, o colecionador percebia que a travessia ainda podia ser feita. Carregava algo escondido em sua mão onde os dois em sua frente não podiam ver. Sentia a dor em todo o corpo do desígnio, mas era algo que podia agüentar. Falou para o operador ao seu lado para não desligar a conexão e a não se meter em seus assuntos, ecoando na boca da coisa-John no mundo real, milhas dali deixando Miller e Ben atônitos com o que ouviam sair da boca do jovem.

John então começou a caminhar em direção à eles. Chris pensou em tudo que aconteceria e então disparou um tiro no ombro do rapaz que parecia ansioso por aquilo. Sangue voou do jovem e molhou a grama. A coisa-John recebeu o tiro e o impacto fez sua perna direita voltar um passo e girar para trás junto com sua metade do torso superior. No outro instante, a coisa já recolocava o passo no lugar, segurando o caco de vidro com tanta força que gotas de sangue escorriam de sua mão. Em seu terceiro passo estava quase em uma velocidade de corrida, preparando o pedaço de vidro para um ataque. Ben levantou-se como um cachorro raivoso de seu lugar e pulou na direção do homem que estava parado junto à porta atirando em seu irmão.

Tudo foi tão rápido que Chris mais tarde não saberia explicar como acontecera. *Sorte cega?* Talvez. Estava acostumado a brandir a arma e na maioria das vezes aquilo bastava. Quando os dois jovens (um que não era mais deste mundo e o outro claramente perturbado) atacaram ao mesmo tempo, sua mente calculou friamente que o melhor a fazer era sair da equação no último instante e bater onde dói. Ben caiu ao chão quando Chris deu um pequeno e preciso passo ao lado; John, que empunhava um vidro que refletiu a luz do sol em seus olhos, errou seu golpe por alguns centímetros quando Chris desviou-se e lhe segurou pelo ombro ferido. No mesmo instante, sua outra mão desferia-lhe um golpe certeiro na nuca, enviando o rapaz-coisa para baixo e fazendo-o estatelar-se bem na frente de Ben naquele chão poeirento.

Ao olhar John no chão frente a frente, Benjamim soube que era a última vez que o viria. Num tempo ínfimo, a máquina do colecionador falhou, pois quem estava ali era seu irmão John, que sempre lhe ganhava no xadrez; que sempre lhe ajudou com os temas da escola; que sempre esteve sentado ao seu lado segurando sua mão enquanto os dois ouviam seu pai quebrar a casa; que no final de suas brigas de criança lhe olhava com o perdão nos olhos dizendo-lhe para esquecer. Lá estava John; e ele lhe estava dizendo um último adeus.

Rápido como uma bala, o colar saltava do bolso de Miller para a cabeça da *coisa-John*, desfazendo aquela pequena magia que havia ocorrido. O cristal se iluminou apertando forte o pescoço do rapaz, que quando fora menino dezoito anos atrás esteve sozinho na hora e no lugar errado. Todos se afastaram enquanto o colecionador se levantava com horror em seus olhos movendo sua cabeça em lances rápidos e encarando os dois, que pareciam estar totalmente receosos. Lentamente tentou alcançar o colar, surpreso com a virada da situação. O cristal emitiu apenas mais uma luz e cessou, trazendo o cadáver de John de volta para o chão.

Chris observou em pânico o jovem tentar tudo o que sabia de primeiros socorros com o outro rapaz caído no chão, inerte como uma rocha. Apertou seus dentes contra os lábios enquanto ele fazia uma massagem cardíaca desesperada. Uma idéia terrível lhe passava pela cabeça, e por mais que tentasse evitar de pensar, cada vez mais sua lógica fria e calculista lhe dizia o que estava acontecendo.

*Eles não me disseram toda a verdade.*

Ben agora fungava mantendo uma de suas mãos na boca, talvez tentando conter o grito que estava preso dentro de si, lhe arranhando a garganta e embrulhando o estômago. Sabia o que tinha acontecido, mas mesmo assim lhe era impossível de acreditar. Seus pensamentos fugiam para o café da manhã, a espera por sua vez no banho, o programa de televisão que teria visto, eles discutindo a rota que iriam tomar, o olho enchendo-se de sangue conforme o cérebro se derramava de um lado ao outro enquanto um corpo esfriava em suas mãos que estavam molhadas de suor e de terra suja. Pensou no capacete verde que devia estar jogado pelo banco de trás, e realizou finalmente que não haveria mais corrida nenhuma, e que aquelas férias tinham terminado.

Para sempre!

*“Não! Não, não, não... por Deus, não!”* o jovem gritou.

Chris puxou o garoto dali pela camisa, jogando-o na lateral de seu carro e o segurando forte. Deu-lhe uma boa chacoalhada e um tapa. Duas vezes. O jovem em sua frente tornara-se um menino, chorando copiosamente com seu nariz quebrado e sanidade derrapando pelo abismo de terror em sua cabeça. *O único objetivo era só pegar o filho da mãe; somos totalmente dispensáveis,* pensou Miller com muita resignação enquanto tentava contato com os olhos do rapaz.

“Já chega, ele se foi!”

“Seu... *bastardo desgraçado*!”

O ex-policial recebeu um chute inesperado em sua canela, e os dois caíram no chão lutando como cães. Miller recebia os socos do rapaz sem alterar aquela face de consternação, pois agora sabia que aquela coleira devia matar o quem a estivesse usando. E então os olhos de Miller ficaram muito abertos e ele adotou aquela cara de paisagem, fazendo Ben parar automaticamente de bater em seu rosto.

*Aqueles mesmos olhos!* pensou Benjamim.

O rapaz levantou suas mãos para cima em um susto, como se rendesse. Algo estava dentro da cabeça de Miller e ele ouvia Frank dizer rapidamente, quase uma frase se atropelando em cima da outra.

*Bom trabalho Chris, mas... Tivemos problemas... Isso acontece às vezes... Eles são maus perdedores... Prepare-se para o impacto...*

Miller piscou e olhou o jovem estupefato em cima de seu peito chegando quase à loucura.

“Ainda estamos em perigo... Não acabou ainda.” disse Chris.

Ben levantou-se e os dois se recompuseram. Olhavam-se como se a briga ainda não tinha acabado, mas mantinham uma distância segura, um pouco ofegantes.

“Olhe garoto, se está para acontecer o que eu penso que vai acontecer, estamos em uma grande enrascada. Vamos ter de cooperar para sair dessa.”

“Que merda que vocês fizeram com meu irmão!”

O policial viu no chão uma carteira marrom. Agachou-se, e viu a foto com o nome do rapaz em sua frente.

“Benjamim? Tente entender que o que aconteceu ao seu irmão já aconteceu com outras pessoas. Você não ia acreditar no que eu passei para estar aqui com você no meio de toda essa merda do cacete.”

Miller tirou de sua carteira as fotos de seus protegidos, e foi se aproximando dele, com sua mão pedindo calma.

“Olhe, veja estas fotos. Estes aqui são Robert, Quinci, Jane, Oswald, Walter e Mike.”

Ben esticou seu braço e pegou as fotos.

“Perdi todos eles. Estes e muitos outros são meus... amigos. Um por um eles foram morrendo em situações... estranhas, e eu acredito que seu irmão tinha o mesmo... destino.”

Um silêncio demonstrou certo entendimento pela parte do jovem, que andava de um lado ao outro.

“Qual o nome dele?”

*“*Era J-John.*”* disse Ben aflito.

“Meu nome é Chris. John iria bater o carro para morrer, e você teve sorte de isso não ter acontecido. É um absurdo aceitar isso, mas eu sei que ele ia fazê-lo. Veja, este aqui (apontou para Robert) nem sabia dirigir quando encontraram seu carro destruído em um muro. John nunca teve mudanças completas de comportamento? Nunca lhe tentou agredir, como se fosse outra pessoa?”

A boca de Ben tremia, e ele quase sentiu uma pequena mão avançar mais uma vez em seu pescoço.

“Como se fosse.. um monstro?” perguntou o rapaz engasgando-se em seco.

Um barulho ensurdecedor de máquina começou a encher os ouvidos dos dois, que se olharam desconfiados. Suas cabeças viravam para a estrada, para os carros e para o jovem morto no chão. O ruído aumentara a tal ponto de eles não ouvirem mais sua respiração. Um avião a jato, que nenhum dos dois reconheceu, passou perto por eles e muito próximo do chão. A distância era tão próxima que Chris achou que vira o piloto apontar para eles lá em cima. Os dois, com suas mãos nos olhos por causa do sol, observaram o avião fazer uma manobra para a esquerda e depois para a direita em uma volta muito fechada. Eles acompanharam a curva com o corpo, girando nos calcanhares e olhando sua trajetória. Viraram uma meia volta completa de onde estavam. O caça agora vinha em sua direção e Miller pegou Ben pelo braço virando-o para onde ele sabia que alguma coisa iria acontecer.

Algo grande e reluzente, pegando fogo por quase todos os seus lados simplesmente apareceu no céu, como se um manto azul lhe tivesse sido removido. Com o contato visual, o caça disparou um míssil, largando uma fumaça preta no céu. Os dois acompanharam o artefato ganhar velocidade e atingir o alvo, produzindo uma grande explosão no lado direito da coisa, que nem se mexeu, como um mosquito em um elefante. O avião então começou a disparar sua metralhadora. Ben e Chris levam suas mãos aos ouvidos enquanto traços vermelhos incandescentes cortavam as nuvens. Porém algo estava errado: aquilo estava aumentando de tamanho rapidamente. O avião fez mais uma curva para a direita e então com um frio em sua barriga Miller entendeu que aquela monstruosidade de metal estava mesmo caindo.

Caindo direto em cima deles.

Miller deu um empurrão no garoto e gesticulou que eles tinham que cair fora dali no meio de todo aquele barulho ensurdecedor. Bradou sua arma rapidamente, ordenando que ele entrasse no carro. Se por um momento tinha perdido o outro garoto, aquele rapaz em sua frente seria sua responsabilidade, mesmo se ele não quisesse; mesmo se tivesse que carregá-lo dali chutando e berrando. Ben levantou suas mãos enquanto Chris o empurrava até o lugar do carona, colocando-lhe o cinto e lhe apontando o dedo.

“Fique aqui, guri!”

Miller correu pela frente do carro, e entrou em sua porta. Girou a chave e depois de duas tentativas o motor pegou. Uma sombra já se pronunciava e corria rápido pela grama. A massa de metal que pegava fogo já aparecia pela janela de Miller, e em uma afobação ele acelerou tanto que as rodas de trás rodaram em falso, escapando grama e areia para trás.

O rapaz, que já se acalmara, gritou perto do ouvido de Miller.

“Solte um pouco o acelerador. Assim não sairemos do lugar!”

Chris então soltou um pouco seu pé sentindo-se estúpido, mas o carro pulou para frente bem no momento em que a sombra já atingia seu rosto. Os barulhos de explosões estavam fortes e eles já nem ouviam mais o avião. O carro sacolejava e os dois pulavam de um lado ao outro com o carro completamente na sombra.

Foi então que houve um zumbido diferente. E quando o som estranho acabou, o carro morreu no mesmo momento; e tudo que passava naquela estrada num raio de dez milhas desligou-se. Pessoas saíram de seus carros na estrada e olhavam para cima, apontando estupefatas para o que em principio achavam ser um meteoro.

Miller girou a chave e nenhuma resposta. Olhou para o rapaz que já abria a porta, e ele fez o mesmo. Tinham se movido uma boa distância de carro, e a coisa no céu já era de um tamanho descomunal, algo em torno de duzentos metros de uma ponta a outra. Tinha uma aparência metálica e um tanto discóide. Explodia por todos os lados. Um rugido de metal e o calor das chamas já lhes atingia pelas costas. Naquele ponto, o sol desaparecera por completo para eles. Quando a coisa do espaço atingiu o solo, uma onda de impacto varou o chão onde os dois ainda corriam. Camadas na terra abriam-se escavadas pelo disco, e um enorme buraco foi se pronunciando com um barulho terrível de deslocamento. Os dois gritaram em pânico, caídos na terra fofa enquanto o chão vacilava e tudo se movia para baixo. Uma fumaça densa bloqueava o sol, e o cheiro forte de queimado doía em suas narinas. Ben alcançou a mão de Chris e eles conseguiram ficar parados ali, observando a massa de metal queimar e adernar dentro na terra na frente de seus olhos. Quando tudo acabou, a cratera devia ter no mínimo meio quilômetro de fora a fora, com mais de vinte metros para baixo da terra, tal como um prédio de três andares para baixo. Miller gritou para o outro, achando sua voz esquisita.

“Jesus, olhe o tamanho dessa porcaria.”

Ben falou rapidamente, apontando para o carro emborcado na frente da cratera, com uma roda já na mesma terra fofa que eles estavam.

“Não podemos ir embora, o carro está quebrado.”

“Podíamos tentar o seu carro.”

“Não, o radiador estourou. Tinha muita fumaça quando batemos.”

Os dois sentados olhavam-se assustados. Ben continuou gritando.

“E se algo sair de dentro disso?”

Chris não soube responder.

\*

Em uma base aérea do Novo México, Hober aguardava confirmação com o fone em seu ouvido sentado na parte de transporte de um helicóptero protótipo, ainda em testes para uma possível guerra na outra parte do mundo. Cinco outros helicópteros estavam lado a lado, com muitos soldados carregando algumas caixas. Seus uniformes verdes possuíam além das três faixas amarelas normais, mais uma faixa azul das forças especiais.

Hober começou a gritar com seu piloto.

“Temos de aguardar um possível EMP. Temos uma interferência em andamento! Localização possível em vinte milhas de Los Andalejos. Bem aqui nessa posição...”

“Seis minutos!” berrou o piloto de volta depois de calcular em cima do mapa uma triangulação possível com uma régua especial de cálculo.

No bolso de Keelix havia outro orbe que mostrava a localização exata de Miller. Podia ver uma imagem de toda a área, e dois pequenos pontos que eram Chris e outro possível sobrevivente.

A esfera de metal vibrou e tornou-se vermelha.

Uma luz acendeu no painel do piloto. Hober colocou o enorme *headphone* em sua cabeça e ouviu a central falar em seu tom quase indiferente.

*“Alvo atingido. Retornando para base.”*

Hober tocou seu piloto no ombro.

“Temos confirmação! Vamos embora!”

Pelo vidro da frente do helicóptero e viajando a mais de trezentos quilômetros por hora, Hober podia ver a estrada e as pessoas fora de seus carros muito assustadas. De um carro marrom grande à deriva na estrada, havia um senhor estirado no asfalto enquanto muitas pessoas acenavam pedindo ajuda. Outras mais a frente apontavam para a grande fumaça no céu.

Hober acionou o mecanismo de rádio.

“Unidade cinco, temos problemas civis adiante.”

*“Sim, General.”*

“Outras unidades, prosseguir com alvo.”

Conforme os outros quatro helicópteros passaram por cima das cabeças das pessoas da auto-estrada, o último diminui drasticamente sua velocidade e foi manobrando pela estrada até achar um lugar onde tivesse espaço para uma descida. Os soldados preparavam-se para sair, e cada um tinha duas maletas; uma com o símbolo de primeiros socorros, e outra com componentes eletrônicos.

Algumas pessoas receberam os soldados em uma pequena confusão, e o senhor ao lado de uma Caravan marrom parecia estar tendo uma parada cardíaca. Uma mulher com duas crianças em seus braços começou a soluçar em frente ao primeiro soldado que pisara em terra.

“Dois garotos quase nos bateram. Um deles estava.. Oh Deus, era muito sangue.. Por favor, faça alguma coisa!”

Um médico logo apareceu e ajoelhou-se no chão, prestando uma massagem cardíaca no senhor que enfartava. A mulher sentou-se lentamente no asfalto que agora machucava e queimava seus tornozelos, porém aquilo quase não incomodava perto dos gritos apavorados das crianças ao lado apontando para o céu.

As pessoas cruzavam seus braços em defesa. Alguns estavam muito nervosos por seus carros que não funcionavam mais. Outros, que tinham visto melhor o que caíra no céu estavam silenciosos e muito mais assustados. Os soldados espalharam-se na pequena multidão que os seguia na massa de carros separados a mais ou menos vinte metros. Muitos perguntavam o que estava acontecendo, e conforme os soldados abriam o motor dos carros e trocavam uma peça especificamente elétrica, respondiam com uma frase padrão.

“O meteorito libera uma descarga elétrica forte quando cai. Por isso seu carro estragou e estamos trocando esta peça. Toda essa área deve ser evacuada por causa de radiação eminente. Prossigam imediatamente para fora desta estrada.”

Um senhor que estava com binóculos na mão falou a sua esposa com a maior certeza possível.

“Isso não é... um *meteorito!*”

Chris e Benjamim viram os helicópteros fazerem uma volta por eles, claramente em um círculo grande onde a cratera situava-se bem no meio. Um a um foram se aproximando do solo e de onde eles estavam. Haviam soldados com armas pesadas descendo e mirando diretamente ao disco que queimava abaixo da terra. No helicóptero mais próximo deles, um oficial desceu pela porta do piloto e Chris pode ver quem era. Trajava um uniforme de guerra e com uma pistola ao lado de seu quadril.

Hober aproximou-se deles com um soldado em seu lado, que apontava seu rifle diretamente em Ben. Chris fez um cumprimento relutante à Keelix, que parecia extremamente satisfeito.

“Bom trabalho, Miller.”

Benjamim levantava suas mãos em rendição enquanto olhava em pânico para Chris, que agora balançava negativamente sua cabeça.

“Deixe o guri fora disso. Perdeu seu irmão agora a pouco.”

O general tirou o orbe do bolso de sua calça e fitou os olhos de Chris.

“Você irá aprender como usar esta coisa em tempo.”

Com um aperto em uma fenda ao lado, quatro pequenas hastes de metal abriram-se do orbe, e conforme Hober aproximava aquilo da testa do rapaz, Benjamim encolhia-se ao chão. Um soldado apontou o rifle diretamente no rosto do rapaz, o empurrando um pouco.

“Não se mexa. Mantenha suas mãos à vista.”

Keelix encostou o orbe na testa de Ben, e poucos segundos depois a pelota de metal tornara-se azul.

“Você está livre.”

Hober virou-se e rapidamente colocou o artefato na cabeça de Chris. O orbe brilhou e sua superfície tornou-se de um forte vermelho com um sinal sonoro de alerta. Com um rápido movimento de mão, o general tirou o rifle do soldado que já se encaminhava ao rosto de Miller.

“Você já está adequado na nova diretriz. Mas já deve ter percebido isso. Céus, eu não queria estar em sua pele.”

Muita movimentação nos outros helicópteros enquanto as caixas eram retiradas e colocadas ao chão. Com um rádio em mãos, Hober ordenou.

“Rápido pessoal. Não queremos mais confusão por aqui!”

As caixas foram abertas e grandes cristais perfeitamente hexagonais foram colocados em cima de uma base de metal cinza. As pedras começaram a levitar e a adquirirem contornos de energia verde enquanto oscilavam para cima e para baixo.

“Estamos sugando a energia do reator deles. Poderiam nos sabotar e explodir toda esta área.”

Inesperadamente uma placa de aço é ejetada do disco liberando uma cápsula de escape em grande barulho e fumaça. Todos observam a pequena embarcação subir vinte metros no ar e começar sua parábola descendente. A pequena nave colide com o chão e de seu casco um sulco na terra é logo feito em grande velocidade. Aos gritos de Hober, os soldados começam a atirar. O general pegou Chris pelo braço e os dois começam uma corrida até trecho escavado pela cápsula que continuou avançando até colidir com o muro de um motel de estrada, quase dois quilômetros dali.

Keelix pede a Miller então que pegue seu orbe. O piloto já abre a porta do helicóptero para o general enquanto o rotor acelera. Rapidamente Miller se junta aos outros soldados na área de transporte. Uma metralhadora de grande calibre fixa ao lado dá a tonalidade da gravidade do assunto. Conforme o helicóptero ganha altitude, Miller observa Benjamim com as mãos em seus bolsos vendo distraído o disco queimar ao chão enquanto um cristal ao seu lado preencher-se de um brilho verde.

O muro do motel não resistiu muito bem ao impacto da cápsula. Os soldados invadiram pela mesma fenda, que de tão grande era como uma nova entrada, mas o que aqueles soldados viram lá dentro era um cenário de extermínio. Pessoas com roupas de banho dilaceradas com buracos que atravessavam seus corpos do tamanho de grandes laranjas. A piscina tinha um tom rubro, e havia sangue por todos os lados, salpicado nas paredes e no chão. Eram mais de vinte cadáveres naquele lugar. De um casal que parecia estar deitado a beira da piscina percebia-se somente a metade da cabeça do rapaz em um corte de meia lua; a mulher tinha perdido uma das pernas em uma enorme poça de sangue. Seus olhos estavam abertos, olhando direto ao sol. Um soldado os fechou em respeito, com sua metralhadora em punho.

Hober, que ajudou Miller a passar pela entrada de tijolos quebrados, balançava negativamente a sua cabeça. Os soldados voltaram seus olhares para ele e ele fez os sinais indicando grupos de três para vasculhar todo os cantos do hotel.

Chris sentiu uma náusea e desviou seu olhar. Hober atravessou a piscina e quando voltou seus olhos, Miller estava com o orbe em suas mãos parado olhando para todos os lados. Uma pequena pressão em seu crânio e a voz de Frank veio em sua mente.

*Aperte o visor no centro e pressione a seqüência 4-5-8-9 onde os números aparecem.*

Depois de fazer o que Frank dissera, Chris voltou seus olhos à Hober que o olhava estupefato.

“O quê está acontecendo?” sussurrou Keelix.

Miller apontou para um apartamento no meio de um corredor na frente deles. Sua voz estava desconcertada, pois seus olhos viam um misturado de vermelhos, laranjas e amarelos atravessando as paredes.

“Ele está lá. Posso ver sua... silhueta de calor. Está mirando para a porta.”

Hober mirou seu rifle ao apartamento enquanto Miller ia pelo outro lado. Após desviarem de muitos corpos, eles ficaram juntos à porta, agachados.

Chris apertou seus olhos e tremeu um pouco. Ouvia uma voz lhe dizendo para interceder junto a Hober.

“Frank... Ele disse que quer o prisioneiro. Não faça merda nenhuma!”

“Esta é nossa jurisdição! Estamos em interferência!”

Miller vacilava e Hober teve de segurá-lo para não cair ao chão.

“Ele disse... que em ações conjuntas não existe o conceito de jurisdição.”

Hober apertou o ombro de Chris em raiva. O sorriso inesperado de Miller fez Keelix retirar sua mão assustado e falar com seus dentes cerrados.

“Frank, seu filho da puta! Ponha meu agente de volta!”

“Sem nosso prisioneiro, vocês perdem acesso ao disco. Que tal agora, humano?”

Frank tocara em um ponto sensível e após um breve duelo de olhares, Hober entregou os pontos baixando sua cabeça e indicando o local do invasor com uma mão aberta. Miller voltou a si levando sua mão diretamente à têmpora esquerda.

“Deus... Isso é uma merda!”

A porta e a parede inteira explodiram. Hober e Miller rolaram para o lado no meio da chuva de pedaços de concreto e madeira. Os soldados do outro lado começaram a atirar freneticamente.

Keelix gritou uma única vez.

“Cessar fogo!”

Miller estava deitado ao monte de reboco e pedaços de tijolos. Sentia-se mal, com uma forte e momentânea náusea. Os tiros cessaram e Frank então falou mais uma vez por sua boca. Ninguém exceto Chris compreendeu o conteúdo da conversa, pois seu cérebro estava sendo usado como mediador.

Frank falou com bastante convicção por Chris.

*“<Aqui é a Lei e esta será sua única chance de não ser capturado pelos habitantes locais. Suas ações criminais neste mundo violam o acordo de não influência em civilizações em desenvolvimento.>”*

Uma voz surpreendentemente jovem respondeu.

*“<Mas eu fui enganado! Eles me disseram que era tudo realidade virtual.>”*

Frank voltou seus olhos à Hober, que assustado, já preparava seu rifle. Por fim falou novamente à entrada em ruínas do quarto.

*“<Eu devia deixar você ser dissecado vivo, fedelho. Guarde suas mentiras para o tribunal.>”*

Um soldado perto da borda do disco olha por todos os lados e então toca no ombro de outro que observa mais de perto o funcionamento do cristal.

“Onde está o garoto?”

O silêncio agora no motel era completo. Uma lasca de tijolo rolou dos pés de Miller até a piscina, parando junto à cabeça da mulher que parecia ser um espectador macabro de toda aquela loucura.

Frank falou mais uma vez.

*“<Entregue sua arma. Faremos sua extradição segura se houver cumprimento destes termos.>”*

Um cilindro de metal afunilado na ponta onde pela outra extremidade parecia ser o encaixe de mão foi jogado pela enorme abertura na porta. Frank foi até lá, segurou o artefato, e após alguns momentos à arma subiu aos céus. Um quilômetro acima, um *Anthratti* pairava em modo semi-visível.

Miller olhou para Hober e falou com certa calma.

“Ele se entregou. Somente nós dois iremos entrar e fazer a prisão.”

Os soldados foram se aproximando das ruínas do local. Chris entrou no quarto seguido logo por Hober. Miller voltou a sentir seu peso nas pernas e sua visão deixara de ser embaçada. Parecia antes que estava suspenso, vendo tudo de longe. Seus olhos se depararam com o prisioneiro e ele ficou confuso, pois parecia alguém um tanto magro com uma roupa escura e usando um capacete preto. Tinha as mãos levantadas ao alto. Ele conseguiu contar quatro longos dedos e um dedão um pouco mais separado que o normal. Aparentemente a natureza não era tão diferente assim em outros mundos. O general lhe encarava e olhava desconfiado, porém Miller o respondeu de imediato.

“Estou bem se lhe interessa. Apenas... cansado.”

Imediatamente o telhado começou a ser sugado pela nave acima, toda a estrutura gemeu, e parafusos e pregos se soltavam junto com gesso e um pouco de cimento. Telha por telha foi sendo puxada e jogada para cima cindo ao lado. O céu azul foi se pronunciando aos poucos naquela sala escura.

O invasor mexeu rápido seus braços em pânico e todos recuaram. Mais uma vez, aquela língua estranha foi proferida e os soldados todos engoliram em seco, como se um demônio tivesse invadido uma assembléia de religiosos. Parecia assustado.

*“<Não!>”* gritou Miller.

Keelix voltou sua atenção aos soldados atrás de si e então não moveu nenhum músculo, pois Benjamim estava lá, sujo dos pés à cabeça com sangue, barro e agora uma nova camada de pó de tijolo. A enorme pistola Magnum do general era erguida com as duas mãos. O estouro logo em seguida foi quase ensurdecedor. O invasor foi jogado para trás, e uma substância amarela criou uma pintura abstrata na parede do quarto.

Aquele corpo magrelo esquisito foi escorrendo até o chão.

Hober não pode esconder um sorriso, enquanto Miller já tremia novamente. Minutos atrás enquanto todos olhavam a cápsula de escape subir aos céus, o jovem não pensou duas vezes e lhe roubou a arma. Pela sujeira em todo seu corpo devia ter corrido e rastejado dentro do buraco feito pela cápsula no solo.

Miller começou a gesticular em frente ao corpo.

“Ele era prisioneiro! Se entregou por todos os termos!”

O general colocou um dedo na cara de Miller.

“Um civil, não militar, é quem genuinamente defendeu a pátria. Segundo as regras acordadas, isso isenta o corporativo de entrega do subjetivo vivo e de material colateral. Nós vencemos, filho da puta do espaço.”

“É a sua arma! Você trapaceou!”

Os soldados tiraram a arma de Benjamim, que foi devolvida à Keelix.

Miller olhou Hober em desafio.

“É esta sua palavra final?”

O general olhou para seus homens e falou com autoridade.

“Alguém teve que dar um basta nesta situação. E aquele garoto ali é quem teve as bolas para fazer o que é certo.”

Após um breve momento, Chris então deu um inesperado soco no general. Chris então ouviu a voz de Frank, enquanto segurava sua mão que doía. Hober limpou o sangue de sua boca com um sorriso.

“Frank disse que vocês estão acertados agora.” disse Chris.

“E ainda bate como puta de estrada.”

Ben aproximou-se junto com muitos outros soldados que queriam ver a coisa mais de perto. Keelix apertou a mão de Benjamim com muito entusiasmo.

“Bem vindo à força especial, guri.”

Ben terminou seu cumprimento respeitoso ao general. Chris lhe oferecia também sua mão. Ambos concordaram com a cabeça, conforme se cumprimentaram. Eles tinham sobrevivido a loucura de tudo aquilo, mas os olhos de Ben voltaram-se rápido para a coisa cujo sangue amarelo ainda escorria da parede. Do peito da criatura, existia um furo do tamanho de uma moeda pequena. Seu braço estendeu para remover o capacete quando Hober rapidamente segurou sua mão.

“Não tão rápido, rapazinho.”

O jovem subitamente alterou sua voz em raiva.

“Eu *preciso* saber.”

Keelix acendeu um cigarro segurando Benjamim apenas com seus olhos. Ao todo existiam vinte homens em volta do invasor. O general olhou para Miller ajoelhado ao lado do monstro naquele chão imundo; aparentemente o policial também precisava ver o que havia debaixo da máscara.

O general começou a falar e todos ouviram.

“Não fazem mais de seis meses que recebemos de Frank uma dica para um local no Alaska onde eles estavam possivelmente construindo uma versão terrestre para a emissão mental, com alcance continental, sem necessidade dos discos. Como sempre, chegamos atrasados e eles já tinham percebido que iríamos vir. Mas eles deixaram um deles lá, talvez um técnico que não conseguiu sair a tempo. Aquele filho da mãe matou mais de cinqüenta de nossos soldados, usando uma mesma arma que este infeliz aqui. Foi então que usamos gás. Três dias depois descemos até lá, e encontramos o filho da puta deitado no chão sem um de seus braços. O cheiro era terrível. Eu mesmo vomitei depois de dois minutos lá dentro. Ainda não sei se o filho da mãe não comeu seu próprio braço. Um de nossos novos agentes, James Deveraux, em sua terceira missão ficou curioso e removeu a máscara. Depois do terror inicial, olhou mais de perto e a coisa pulou em sua cara, mordendo seu nariz e rasgando seu lábio superior com a fúria de um jaguar. Eu... Não pude fazer nada, congelei. Até hoje tenho pesadelos com a porcaria. Enfim, um dos soldados tirou uma faca e esfaqueou a coisa em sua costas mais de vinte vezes até parar. Suas mãos e rosto ficaram amarelos, tal como essa parede. Deveraux desfigurou-se, perdendo sua língua e nariz. Seu rosto tornou-se como uma rosa aberta de sangue. Não sabíamos se chamávamos o médico ou lhe dávamos um tiro de misericórdia. Mas não precisamos fazer nada, pois aparentemente o sangue deles é tóxico. Tanto James como o corajoso soldado morreram minutos depois em convulsões. Eu... dei um tiro de misericórdia. Pobre francês bastardo.”

Naquele silêncio que veio depois do relato do general, o rádio na costas de um soldado emitiu um aviso. Keelix pediu ao soldado que se aproximasse.

“*Reator foi retirado com sucesso pelos amigos. Todos os invasores foram escoltados para fora do local do acidente.*”

Keelix puxou o fone e falou.

“Aqui é Hober. Mande a unidade dois para nossa posição.”

O general sacou sua arma e apontou para Chris que já alcançava o capacete.

“Não cometa este erro.”

Miller virou seu rosto para Hober.

“Já aprendi a conviver com eles.”

Chris apertou duas fendas enquanto Keelix e todos os soldados miravam na criatura. A pedido de Chris, Ben foi até lá e removeu em um movimento rápido a máscara de metal. Miller deu um passo para trás e Hober engatilhou sua arma horrorizado.

*Sem dúvida os olhos grandes eram pretos que nem piche e a pequena boca um pouco aberta mostrava alguns dentes agudos. Não tinha nariz algum ou muito menos ouvidos visíveis. Em seu pescoço havia duas fendas que encaixavam perfeitamente com as arestas do capacete, parecendo guelras de um peixe.*

*Miller notou a cor cinza predominante que todos os tablóides referiam-se.*

*Ben viu um maldito tubarão do espaço que comera seu irmão.*

*[9]*

*EPÍLOGO*

Enquanto Chris estava na cabine telefônica do posto de gasolina, Benjamim observa a estrada. Naqueles instantes de reflexão, os mistérios e a aventura que ele e seu irmão tinham planejado não ocupavam mais sua cabeça, e por um longo momento ele odiou o deserto com todas as suas forças — até seus olhos se concentrarem na estranha esfera de metal em cima do painel. O jovem esboçou um meio sorriso no meio do mar de dor em que se via, mas de alguma forma McKinney sentia uma espécie de alívio por saber a verdade. Sabia também que sua vida agora tinha um desígnio concreto, e que aquilo lhe era suficiente no momento; com certeza não deixaria barato o que fizeram com sua família.Chris desligou o telefone e entrou no carro alugado parecendo calmo e em paz. Puxou um cigarro oferecendo outro ao garoto, que o aceitou de imediato.

“Quarta é noite de sinuca, sem desculpas.”

O homem girou a chave enquanto ouviu o rapaz ao lado falar com certa malícia.

“Isso será péssimo para minha carreira.”

\* \* \*